



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS LARANJEIRAS DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM AGROECOLOGIA E
DESENVOLVIMENTO RURAL SUSTENTÁVEL**

RODRIGO ASTURIAN

**PERCEPÇÃO DA AGROECOLOGIA E AS MANIFESTAÇÕES SÍGNICAS NO
CONTEXTO DA PRODUÇÃO ORGÂNICA DA COOPERATIVA
AGROINDUSTRIAL OITO DE JUNHO (COPERJUNHO)**

LARANJEIRAS DO SUL

2018

RODRIGO ASTURIAN

**PERCEPÇÃO DA AGROECOLOGIA E AS MANIFESTAÇÕES SÍGNICAS NO
CONTEXTO DA PRODUÇÃO ORGÂNICA DA COOPERATIVA
AGROINDUSTRIAL OITO DE JUNHO (COPERJUNHO)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS para obtenção do Título de Mestre em Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável sob a orientação do Prof. Dr. Sérgio Roberto Martins

LARANJEIRAS DO SUL

2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL

Rua General Osório, 413D
CEP: 89802-210
Caixa Postal 181
Bairro Jardim Itália
Chapecó – SC
Brasil

PROGRAD/DBIB - Divisão de Bibliotecas

Asturian, Rodrigo
Percepção da Agroecologia e as Manifestações Sígnicas
no contexto da Produção Orgânica da Cooperativa
Agroindustrial Oito de Junho (Coperjunho)/ Rodrigo
Asturian. -- 2018.
105 f.:il.

Orientador: Sérgio Roberto Martins.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da
Fronteira Sul, Programa de Pós-Graduação em Mestrado em
Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável -
PPGADR, Laranjeiras do Sul, PR, 2018.

1. Desenvolvimento Rural . 2. Agroecologia. 3.
Semiótica. 4. Agricultura Orgânica. 5. Reforma Agrária.
I. Martins, Sérgio Roberto, orient. II. Universidade
Federal da Fronteira Sul. III. Título.

Elaborada pelo sistema de Geração Automática de Ficha de Identificação da Obra pela UFFS
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

RODRIGO ASTURIAN

TÍTULO: "Percepção da Agroecologia e as Manifestações Significativas no Contexto da Produção Orgânica da Cooperativa Agroindustrial Oito de Junho (Coperjunho)".

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* - **Mestrado em Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável** – PPGADR da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS para obtenção do título de Mestre em Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável, defendida em 15/03/2018.

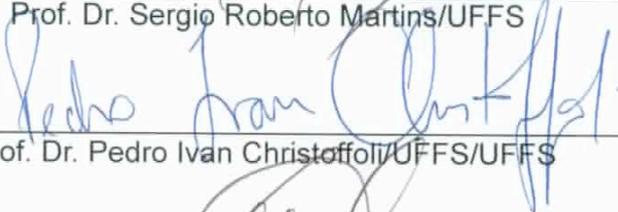
Presidente da Banca: Prof. Dr. Sergio Roberto Martins

Aprovado em: 16 / 03 / 18

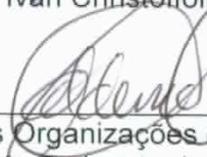
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Sergio Roberto Martins/UFFS



Prof. Dr. Pedro Ivan Christoffoli/UFFS/UFFS



Dr. Valdemar Arl (Fórum Regional das Organizações e Movimentos Sociais do Campo e da Cidade do Sudoeste do Paraná)

Laranjeiras do Sul/PR, março de 2018

À minha esposa Danielle e minhas filhas Laura e Isabella
pela paciência e por tudo, pois vocês são meu tudo.
Ao Nupytows, nosso cão de estimação, sempre alegrando
nossos dias, por mais difíceis que sejam.
Aos meus pais Celio e Sueli
pela vida e educação a mim
dedicada durante todas suas vidas.
Aos meus sogros José Antonio e
Carmen Lucia, pelo incentivo e apoio nas minhas
ausências nos momentos em que mais precisei.
À memória dos meus avós maternos, David Osvaldo e
Leonor, que aqui não estão apenas materialmente.
Mas espiritualmente estão, e estarão sempre comigo por
toda a eternidade.
Enfim, à família.
Sempre ela.
Assim, ficamos mais próximos de Deus.

AGRADECIMENTOS

A lista é grande. De novo. O coração também.

Um agradecimento especial ao meu estimado professor Sérgio Roberto Martins que não apenas me orientou em um exercício de dissertação, mas fez acreditar que seria possível aqui chegar. Muito obrigado por tornar esse sonho de dissertar, uma realidade. Espero estar apenas no começo, pois me fez voltar a ser feliz academicamente.

Um agradecimento especial ao professor Pedro Ivan Christoffoli, que me incentivou a me candidatar ao Mestrado e está sempre presente nas lutas pela Reforma Agrária. Um agradecimento especial à professora Josimeire Leandrini, pela dedicação e carinho a todos nós, discentes, e por ter feito parte da minha banca de qualificação, em um momento decisivo da pesquisa. Sem o “empurrãozinho” de vocês, talvez não aqui estivesse. Um agradecimento especial aos professores Rozane Triches, Julian Perez-Cassarino, Gilmar Franzener e Gabriela Silva Moura, pelo estímulo constante na busca do conhecimento agroecológico.

Um agradecimento e admiração a todos(as) os demais professores(as) do Programa de Pós-Graduação em Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável da Universidade Federal da Fronteira Sul (PPGADRS/UFFS) com os quais convivi nesses dois anos de “estrada” entre Curitiba e Laranjeiras do Sul. Os dias em Laranjeiras jamais serão esquecidos. Sentirei saudades, pois eu vi essa Universidade nascer, crescer e o melhor de tudo: estar junto com ela. Sempre estarei por perto.

E para tornar essa “estrada” possível, meu agradecimento ao Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra), pois sem o apoio na concessão do afastamento para conclusão deste Mestrado, não seria possível realizar este trabalho. Em especial, a colega servidora Raquel Cossich Furtado, meus colegas servidores de Curitiba/PR, Nilton, Cássia, Marina, João Wagner e Ana Maria e meus colegas servidores de Brasília/DF, Edilberto, Eva Maria, Juliano Pasqual, Marlúcio e todos os colegas da Assessoria de Comunicação da Sede do Incra, Francisco Nascimento (seus trabalhos sobre a Colonização no Acre me inspiraram) e Leonardo, e ex-colegas da autarquia Ivonete, Juliano Rezende, Maria Lúcia e Edson Wagner. Estive afastado apenas fisicamente, mas o esforço e pensamento estiveram sempre em favor de uma Reforma e Desenvolvimento Agrário democrático e vigoroso.

Um agradecimento especial ao engenheiro agrônomo e extensionista da Emater-Paraná, José da Encarnação Leitão (*in memoriam*) pela visão de futuro, quando, na sua missão no então Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), divulgou entre todos os servidores do Incra, o edital de seleção deste Mestrado. Ao Reni Antonio Denardi, ex-delegado do MDA, meu agradecimento pelo estímulo a fazer este Mestrado.

Um agradecimento aos meus ex-colegas da Companhia de Habitação do Paraná (Cohapar) onde trabalhei por muitos anos: Luiz Claudio Romanelli, Débora Iankilevich, Rafael Moro Martins, Laércio Leonardo de Araújo e Lídio Akio Sasaki, este quem considero meu mentor no Serviço Público. Aprendi a ser servidor público com vocês, que abriram meu caminho com confiança e sabedoria para que eu continuasse a prestar um serviço público de qualidade no Estado.

Um agradecimento ao meu colega jornalista, Romeu de Bruns, e engenheiro agrônomo João José Passini, da Itaipu Binacional, pela oportunidade de ter conhecido as iniciativas em favor da Agroecologia na Bacia do Paraná 3. Iniciativas estas que me inspiraram nesta jornada na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS).

Quero manifestar meu agradecimento a todos do Projeto de Assentamento Oito de Junho, em especial à Desieli, Ivandro e Laureci, idealistas que me acolheram com generosidade e conhecimento. Minha gratidão por tudo que fizeram por mim e minha admiração pelo que fazem todos os dias aí no Assentamento. E tudo começou com uma reportagem, lembram?

Meu agradecimento aos professores do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Linguagens da Universidade Tuiuti do Paraná (UTP), Álvaro Nunes Lorangeira e Kati Caetano, e meus colegas de disciplinas externas, Franco, Moisés e Tarcis, pela oportunidade de agregar elementos imprescindíveis nesta dissertação.

Aos meus colegas de Mestrado, meu agradecimento pela convivência por todo esse tempo que jamais será esquecido. A todos, meu respeito e amizade.

**ra terra ter
rat erra ter
rate rra ter
rater ra ter
raterr a ter
raterra terr
araterra ter
raraterra te
rraraterra t
erraraterra
terraraterra**

décio pignatari
HOIGANDRES 4. 1958

Terra, poema de Décio Pignatari, 1956.

RESUMO

Ao considerar a complexidade da produção agroecológica em uma perspectiva de Desenvolvimento Rural Sustentável (DRS), procedeu-se ao estudo da produção orgânica de viés agroecológico da Cooperativa Agroindustrial Oito de Junho (Coperjunho), especificamente nas manifestações sógnicas advindas de três grupos distintos de agricultores assentados no Programa Nacional de Reforma Agrária (PNRA): os certificados para produção orgânica, os em processo de transição e os que retornaram para a agricultura convencional. Na produção do sentido do Campesinato, a percepção e geração de significados são materializadas por meio de discursos, imagens e convicções políticas. A práxis na relação do agricultor com o mundo que o envolve permite a aderência da Abordagem Perspectivista para Assimetrias do Conhecimento e da Abordagem Poliocular à Dinâmica e Governança da Agricultura Orgânica na prática agrícola da Coperjunho e dos agricultores assentados no Projeto de Assentamento (PA) Oito de Junho. Além disso, a condição de distinção e noção da excepcionalidade afetam a percepção desses agricultores no que tange à produção orgânica. Assim, a capacidade criativa do agricultor, enquanto utopia chayanoviana, traz a emergência do princípio camponês e demonstra a prevalência da perspectiva logo-poiética – na qual a significação é vista como um princípio auto-organizativo – entre os assentados com maior grau de comprometimento na produção orgânica com princípios agroecológicos.

Palavras-chave: Agroecologia. Desenvolvimento Rural Sustentável. Agricultura Orgânica. Reforma Agrária. Utopia. Cooperativismo. Certificação Participativa. Semiótica. Peirce. Abordagem Perspectivista e Poliocular. Assimetrias do Conhecimento. Significação. Logo-poiético.

ABSTRACT

Considering the complexity of agroecological production from a perspective of Sustainable Rural Development (DRS), the organic production of the agroecological bias of Cooperativa Agroindustrial Oito de Junho (Coperjunho) was studied, specifically in the sign manifestations coming from three different groups of farmers based on the National Agrarian Reform Program (PNRA): certificates for organic production, those in transition, and those that have returned to conventional agriculture. In the production of the sense of the Peasantry, the perception and generation of meanings are materialized through speeches, images and political convictions. The praxis in the relation of the farmer with the world that surrounds it allows the adherence of the Perspectivist Approach to Knowledge Asymmetries and Polyocular Approach to the Dynamics and Governance of Organic Agriculture in the agricultural practice of the Coperjunho and of the farmers settled in the Project of Settlement (PA) Oito de Junho. In addition, the condition of distinction and notion of exceptionality affect the perception of these farmers regarding organic production. Thus, the creative capacity of the farmer as a Chayanovian utopia brings the emergence of the peasant principle and demonstrates the prevalence of the logopoietic perspective - in which the meaning is seen as a self-organizing principle - among the settlers with a greater degree of commitment in the organic production with agroecological principles.

Keywords: *Agroecology. Sustainable Rural Development. Organic agriculture. Land reform. Utopia. Cooperativism. Participative Certification. Semiotics. Peirce. Perspectivist and Polyocular Approach. Asymmetries of Knowledge. Meaning. Logopoietic.*

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Proposta de Ogden & Richards sobre a relação triádica	35
Figura 2 – Esquema de relação triádica do Signo, Interpretante e Objeto Imediato	38
Figura 3 – Exemplo de relação triádica do Signo, Interpretante e Objeto Imediato	38
Figuras 4, 5, 6 e 7 – Ornamentos utilizados pelos assentados da Coperjunho nas místicas	45
Figura 8 – Exemplo de rótulo de produto orgânico da Coperjunho	46
Figura 9 – Convite para o evento gastronômico “Café Colonial”, dentro da própria Coperjunho, distribuído na rede social Facebook	49
Figura 10 – Logomarca da Coperjunho	52
Figuras 11, 12, 13, 14, 15 e 16 – Produtos da Coperjunho e detalhes dos rótulos	53
Figura 17 – Logomarca da Coperjunho	56
Figura 18 – Selo de conformidade da produção orgânica no sistema participativo	58
Figura 19 – Esquema da Abordagem Poliocular à Dinâmica e Governança da Agricultura Orgânica, mostrando um segundo ordenamento do processo de comunicação e observação poliocular nas três perspectivas no objeto dinâmico da “agricultura orgânica”	64
Figura 20 – Selo de conformidade da produção orgânica no sistema participativo	74
Figura 21 – Símbolo do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra	90

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Respostas ao questionamento “Quando você vê essa marca, o que ela significa?”	57
Quadro 2 – Respostas ao questionamento sobre a percepção do selo de conformidade da produção orgânica no sistema participativo	59
Quadro 3 – Respostas sobre a compreensão sobre o que é Agroecologia e Agricultura Orgânica	60
Quadro 4 – Respostas sobre o questionamento “O que é mais importante? Produzir orgânicos como contraponto à agricultura convencional, como distinção de modelo de agricultura orgânica ou simplesmente, atender às tendências de mercado?”	65
Quadro 5 – Respostas sobre os questionamentos “a maneira os produtores acreditaram que as suas práticas são, ou de certa forma, foram agroecológicas e as razões pelas quais se optou por uma excepcionalidade materializada pela Agroecologia?”	71
Quadro 6 – Respostas ao questionamento sobre a importância da certificação participativa	74
Quadro 7 – Respostas que mencionam termos saúde (e correlatos) no contexto produtivo na Coperjunho	76
Quadro 8 – Respostas ao questionamento sobre o que significa o símbolo do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST)	90

LISTA DE SIGLAS

PNRA	Programa Nacional de Reforma Agrária
Coperjunho	Cooperativa Agroindustrial Oito de Junho
MST	Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra
AS-PTA	Assessoria e Serviços a Projetos em Agricultura Alternativa
ABA	Associação Brasileira de Agroecologia
ANA	Articulação Nacional de Agroecologia
NSE	Nova Sociologia Econômica
POA	Perspectiva Orientada a Atores
DRS	Desenvolvimento Rural Sustentável
PA	Projeto de Assentamento
CNPJ	Cadastro Nacional da Pessoas Jurídica
Coagre	Coordenação de Agroecologia
SDC	Secretaria de Desenvolvimento Agropecuário e Cooperativismo (SDC)
SEAD/Casa Civil	Secretaria Especial de Agricultura Familiar e do Desenvolvimento Agrário (Sead) da Casa Civil da Presidência da República
MAPA	Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento
CNPO	Cadastro Nacional de Produtores Orgânicos
Incra	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra)

PPGADRS Programa de Pós-Graduação em Agroecologia e Desenvolvimento Rural
Sustentável

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	16
1.1	OBJETIVOS	21
1.1.1	OBJETIVO GERAL	21
1.1.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	21
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	22
2.1	CAMPESINATO E A PERSPECTIVA AGROECOLÓGICA	22
2.2	RECAMPESINIZAÇÃO, PRODUÇÃO DE SIGNIFICADOS E ESTRATÉGIAS ALTERNATIVAS DE MERCADO	26
2.3	A COMPLEXIDADE DA PRODUÇÃO AGROECOLÓGICA, EM UMA PERSPECTIVA DE DESENVOLVIMENTO RURAL SUSTENTÁVEL (DRS)	31
3	METODOLOGIA	34
3.1	CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO	40
3.2	PARTICIPANTES DO ESTUDO	41
3.3	COLETA DE DADOS	42
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO	43
4.1	OS SIGNOS CONCRETOS DA AGROECOLOGIA	43
4.2	A EMERGÊNCIA DOS SIGNOS SOB A ÉGIDE DA AGRICULTURA ORGÂNICA	48
4.3	ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL À LUZ DA SEMIÓTICA PEIRCEANA: A PERCEÇÃO E PERSPECTIVAS DOS AGRICULTORES ASSENTADOS	55
4.4	ORGÂNICO COMO VALOR ESTÉTICO	69
4.5	A PERCEÇÃO DA PRODUÇÃO E DE MERCADO PELOS AGRICULTORES ASSENTADOS EM CONTEXTO DE CRISE	80
4.6	O MOVIMENTO DOS TRABALHADORES SEM TERRA NO CONTEXTO DA PRODUÇÃO ORGÂNICA DE VIÉS AGROECOLÓGICO NA COPERJUNHO	88
5	CONCLUSÕES	92
6	ASPECTOS ÉTICOS	96
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	97
	APÊNDICE – QUESTIONÁRIOS E ROTEIROS DE ENTREVISTAS	102

1 INTRODUÇÃO

Esta dissertação tem como ponto inicial um cenário que se faz presente em todos os momentos da pesquisa, tanto na mente do pesquisador quanto na realidade vivida pelas pessoas que vivem e trabalham no meio rural a ser conhecido, na forma de recorte temporal. Nesse cenário, está a capacidade de criação do agricultor assentado no Programa Nacional de Reforma Agrária (PNRA) a partir da realidade vivida no campo, no qual o homem trabalha em consonância com os princípios da Agroecologia. E na única obra de ficção de Aleksandr Vassilievich Chayanov¹, a passagem a seguir revela o caráter utópico que se pretende investigar nas percepções e práticas a serem aqui a serem desvendadas, ainda que de forma muito limitada, uma vez que capacidade criativa do homem é imensa, e certamente não caberia em um exercício dissertativo.

¹ Aleksandr Vassilievich Chayanov (1888-1937), agrônomo e economista, professor titular no Departamento de Organização Agrícola da Academia Agrícola Petrov, participante ativo do movimento cooperativista. Foi condenado ao fuzilamento no auge da repressão stalinista no dia 3 de outubro de 1937. Deixou mais de 200 trabalhos científicos, dentre os quais “A organização do trabalho camponês”(1925) e “Ideias básicas e formas de cooperação agrícola” (1919-1927). Chayanov acreditava que a cooperação agrícola não destruiu o camponês. Pelo contrário: as cooperativas agrícolas eram uma forma de fortalecer os camponeses, unindo-os (CARVALHO, 2014).

Diálogo entre Alexei Alexandrovich Minin e o protagonista Alexei Kremnev:

– Eu gostaria de conhecer – disse Kremnev – as novas bases sociais sobre as quais foi edificada a vida da Rússia depois da revolução camponesa de 1930. Sem isso, penso que será difícil compreender todo o resto.

Seu interlocutor não respondeu imediatamente, como que refletindo sobre o que ia dizer.

– Você me pergunta pelos princípios introduzidos na nossa vida social e econômica pelo poder camponês. No fundo, o que precisávamos não eram novos princípios, nossa tarefa consistia na reafirmação de antigos princípios seculares, que estavam na base da economia camponesa.

Nosso objetivo consistia somente em reforçar esses princípios imemoriais, aprofundar o seu valor cultural, transformá-los espiritualmente e dar forma a uma organização técnico-social de modo eles não só pudessem manifestar a excepcional força de resistência passiva que desde sempre lhes foi própria, mas que também tivessem vida ativa, agilidade e, se quiser, força propulsora.

Tanto na base do nosso sistema econômico como na base da antiga Rússia, está a unidade de produção camponesa individual. Nós a considerávamos e, continuamos a considerá-la, como o tipo mais perfeito da atividade econômica. Nela, o homem não se opõe à natureza; nela, o trabalho se faz no contato criativo com todas as forças do cosmo e cria novas formas de existência. Cada trabalhador é um criador, cada manifestação de sua individualidade é a arte do trabalho.² (CHAYANOV, 1991).

A noção da utopia inspirou Chayanov na novela “A Viagem de Meu Irmão Alexei ao País da Utopia Camponesa” de forma marcante. Aquela utopia imaginada pelo agrônomo e economista russo se materializa na busca pela melhoria do desempenho econômico dos camponeses (ABRAMOVAY, 1998) e a pergunta que se faz é a seguinte: a utopia está presente na relação de produção, por meio da prática que se apresenta como agroecológica por um grupo determinado de agricultores? Com esta dissertação, buscam-se as respostas possíveis para esse questionamento primeiro e generalista, que serve como inspiração à realização desta pesquisa. A produção orgânica de viés agroecológico da Cooperativa Agroindustrial Oito de Junho (Coperjunho), de Laranjeiras do Sul/PR, que opera dentro do Projeto de Assentamento (PA) Oito de

² Parte do texto de autoria de Ivan Kremnev, pseudônimo usado por Alexandr Vasilievich Chayanov na novela “Viagem de meu irmão Alexei ao país da utopia camponesa”, traduzida por Lourdes Grzybowski, publicada no Brasil em 1991, pela Assessoria e Serviços a Projetos em Agricultura Alternativa – AS-PTA).

Junho, criado pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra), é a principal unidade de análise deste trabalho. Nesse contexto da produção orgânica³ da Coperjunho, há elementos sógnicos relevantes a serem analisados. De imediato, percebe-se o signo “Alimentação Saudável” já em sua logomarca, uma vez que os produtos orgânicos a serem analisados possuem uma distinção visual própria, conforme será detalhado mais à frente.

No cenário para a realização desta pesquisa, se faz necessária a análise detalhada do processo de criação dos elementos simbólicos na rotulagem dos produtos da Coperjunho, já que os rótulos são a face visível, material e perceptível da produção orgânica daquele grupo. Juntamente com a manutenção do sistema cooperativado e certificado de produção, há nos próprios rótulos dos produtos da Coperjunho a reafirmação identitária que remete à origem da mesma, a partir da coesão social de assentados ligados ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST).

Ao mesmo tempo, este mesmo cenário evidencia um caráter mercantil e institucionalizado do sistema produtivo, por meio da organização da produção orgânica certificada e dos diversos sinais que evidenciam a natureza dos produtos. Dessa forma, vislumbra-se um esforço bastante representativo do coletivo de assentados da Reforma Agrária para a construção sógnica de marca Coperjunho. Esse processo construtivo pode ir muito além do slogan “Alimentação Saudável” e os rótulos podem denotar um universo complexo de organização social.

Os processos de construção simbólica aparecem dentro da Perspectiva Orientada a Atores (POA), proposta elaborada no âmbito da Escola de Wageningen⁴ por Jan Douwe Van der Ploeg e Norman Long. Conterato *et alii* (2011), em uma análise sobre os pressupostos desta linha de investigação, apresentam a capacidade de agência dos agricultores em uma nova leitura que ressignifica o papel e o lugar dos mercados. Neste

³ Utiliza-se o termo ‘orgânicos’ para identificar um padrão de produção de alimentos e fibras sem o uso de insumos químicos, agrotóxicos, fertilizantes, organismos geneticamente modificados, entre outros, sem se ater ao debate sobre agroecologia como disciplina científica ou sobre correntes como produtos ecológicos, biodinâmicos, naturais, sustentáveis, regenerativos, biológicos, da permacultura, etc. Adota-se neste trabalho a definição existente na Lei 10.831, aprovada em 23 de dezembro de 2003, que dispõe sobre agricultura orgânica. (MEDAETS *et alii*, 2005, p.9).

⁴ A Escola de Wageningen, na Holanda, tem como seus principais representantes Alberto Arce, Jan Douwe Van der Ploeg e Norman Long. Este último autor fez parte do grupo de pesquisa liderado por Max Gluckman, do Departamento de Antropologia da Universidade de Manchester, cuja corrente de pensamento centrava-se na história como chave para a compreensão das realidades presentes, assim como a necessidade de estudar as estruturas e os processos sociais nos processos de desenvolvimento (LONG, 2007 apud González *et alii*, 2015). Long, Arce e Ploeg e outros pesquisadores orientados por eles, realizaram nos últimos anos diversos estudos etnográficos na América Latina e na África, com a finalidade de compreender os processos de desenvolvimento sob condições ou circunstâncias similares e de que forma que os atores reagem e exercem sua agência frente a estes processos. (GONZÁLEZ *et alii*, 2015)

estilo de agricultura, como o adotado na Coperjunho, o referencial teórico coloca o agricultor como sujeito no processo agroecológico. Reforça a identidade dele como camponês, porém ajustado às tendências de mercado. Este referencial é aqui aprofundado, uma vez que a discussão passa a adquirir contornos políticos.

O contexto vivido pelos assentados da Coperjunho denota uma diversidade, que é a característica-chave para a compreensão das transformações em curso no espaço rural contemporâneo. Portanto, os mercados são mais do que simples mecanismos de transformação de valores de uso em valores de troca. São construções sociais cujo formato específico reflete a contínua interação entre os atores, seus projetos, estratégias e repertórios culturais (CONTERATO *et alii*, 2011).

Acredita-se que o caminho necessário para o manejo sustentável dos agroecossistemas passa pela articulação de componentes físicos, biológicos e, especialmente, socioeconômicos, com a aplicação da ecologia para o manejo dos sistemas agrícolas.

A Agroecologia, da forma como aqui é abordada, com enfoque sistêmico e interdisciplinar, contempla diferentes áreas do conhecimento. Assim a proposta é realizar um estudo dissertativo envolvendo a disciplina de Comunicação Social, em especial a Semiótica⁵ desenvolvida por Charles Sanders Peirce⁶ e derivações semióticas específicas no campo da Agricultura Orgânica (Abordagem Perspectivista para Assimetrias do Conhecimento e a Abordagem Poliocular à Dinâmica e Governança da Agricultura Orgânica) desenvolvidas pelo *Danish Research Centre for Organic Food and Farming (DARCOF)* e pelo Departamento de Agroecologia da Universidade de Aarhus, também na Dinamarca.

Em consonância com a interdisciplinaridade, a abordagem agroecológica contempla elementos da obra do educador Paulo Freire, especificamente no que tange à obra “Extensão e Comunicação” e no conceito do campesinato de Eduardo Sevilla Guzmán e Jan Van der Ploeg.

A importância de analisar as percepções dos agricultores assentados, enquanto sujeitos no processo de investigação, é crucial, uma vez que esses agricultores são

⁵ A Semiótica estuda o mundo das representações e da linguagem e conforme Nicolau *et alii* (2010) “...se baseia numa tríade de classificações e inferências ao demonstrar objetos no mundo, suas representações em forma de signos e nossa interpretação mental desses objetos.”

⁶ Conforme Nicolau *et alii* (2010), Charles Sanders Peirce foi um cientista generalista (matemático, físico, químico, filósofo, psicólogo) que tentava fornecer uma linguagem comum a todas as ciências. Uma linguagem que fosse quase uma ciência e possibilitasse aos estudiosos entender as relações de seus diversos objetos de estudos. Conhecedor da Filosofia, Peirce ousou levar os métodos, formas de experimentação e questões científicas para o seio da Filosofia.

produtores de significados próprios e incorporam nesse processo de produção sógnica, o conhecimento e experiências vividas.

A Coperjunho, também objeto deste estudo, é concebida institucionalmente sob o signo “Alimentação Saudável” e, nesse contexto, encontra interfaces e conexões com os diversos processos comunicativos que serão aqui abordados.

A Semiótica, enquanto campo de estudo dos signos, pode ser uma importante contribuição para análise de dados, uma vez que os produtos orgânicos necessitam “significar algo além” dos produtos convencionais para serem reconhecidos como orgânicos. Os produtos orgânicos recebem uma designação sógnica, o que norteará este trabalho em quase totalidade. Os produtos da Coperjunho rotulados como orgânicos se apresentam a um mercado e, nesse contexto, a Agroecologia também se apresenta, porém, como um movimento organizativo dos produtores cooperados.

A partir da experiência pessoal do pesquisador com as teorias da comunicação, em especial sobre as formas de significação e geração de sentido, buscou-se, em primeiro lugar, delimitar o campo de pesquisa para o assentamento Oito de Junho. Campo este, o da produção orgânica em um contexto agroecológico. Assim, tem início este exercício dissertativo, o qual os desígnios sógnicos serão analisados dentro de uma perspectiva do Desenvolvimento Rural Sustentável (DRS).

Este projeto está inserido na Linha de Dinâmicas Socioambientais do Programa de Pós-Graduação em Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável (PPGADRS) da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), campus Laranjeiras do Sul, no estado do Paraná.

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 OBJETIVO GERAL

Analisar as manifestações sógnicas, em uma perspectiva sociocultural, nas relações produtivas e institucionais na Cooperativa Agroindustrial Oito de Junho (Coperjunho), em Laranjeiras do Sul/PR.

1.1.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Identificar e comparar a percepção, no que tange à materialidade e geração de significação da Agroecologia no processo produtivo, com três grupos de produtores: os certificados para produção orgânica, os em processo de transição e os que desistiram de produzir orgânicos e retornaram para o sistema convencional. Nesse processo de transição, estão os produtores que desejam produzir da forma agroecológica;
- Analisar as manifestações e formas de semiose⁷ dos três grupos de produtores em um processo semiótico, com ênfase na análise dos objetos dinâmicos, conforme a Semiótica de Peirce, a Abordagem Perspectivista para Assimetrias do Conhecimento e a Abordagem Poliocular à Dinâmica e Governança da Agricultura Orgânica, na prática da Agroecologia, no contexto do Desenvolvimento Rural Sustentável (DRS);
- Analisar e interpretar as marcas e identidades dos produtos orgânicos da Coperjunho, assim como o processo de construção simbólica desses produtos, em um viés sociocultural. Conjunto este de marcas e identidades que fazem parte da estratégia de Desenvolvimento Rural Sustentável (DRS) para a consolidação institucional da cooperativa;
- Analisar a percepção entre os agricultores cooperados da Coperjunho quanto à produção orgânica de forma agroecológica.

⁷ Para Santaella (2000), semiose é o modo como o signo age ou – o que é a mesma coisa – o modo como ele é interpretado. A autora considera a semiose como “o verdadeiro sistema nervoso central ou corrente sanguínea do pensamento peirceano” (p. 15).

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 CAMPESINATO E A PERSPECTIVA AGROECOLÓGICA

A compreensão da organização social da Coperjunho, formada por assentados do Programa Nacional de Reforma Agrária (PNRA), demanda uma abordagem teórica que contemple o conceito de camponês. Permite compreender a lógica da organização interna do coletivo de agricultores, bem como esclarecer a concepção camponesa classista que se reproduz no interior do capitalismo. Entende-se que a luta pela terra é uma luta contra a sua extinção e, portanto, é a luta por sua recriação, conforme Diniz (2010, p. 2),

Os camponeses têm demonstrado a capacidade de resistir à dominação e imposição das relações capitalistas de produção por meio de lutas, manifestações e práticas sociais. Para analisar o campesinato, é importante valorizá-lo em sua especificidade, considerando o momento histórico vivido. Deve-se ainda compreendê-lo na sua cultura, na sociabilidade da família e no grupo social mais amplo no qual está inserido. É na capacidade de luta e resistência que os camponeses têm conquistado as suas frações de território, se constituindo como possibilidade de construção da autonomia camponesa, pois na resistência os camponeses se constroem enquanto sujeitos políticos (DINIZ, 2010).

Na articulação entre o campesinato⁸ e Agroecologia, Sevilla Guzman (2001) mostra a fundamental importância do diálogo entre teoria e práxis (conforme mostra a organização social da Coperjunho), destacando que,

...a dimensão social da Agroecologia se consolida nas propostas técnicas materializadas na ação social concreta dos agricultores. [...] Se a análise do agroecossistema é permeada obrigatoriamente pelas variáveis sociais, o pesquisador tem que dialogar em pé de igualdade com conhecimento local gerado pelos agricultores [...] A Agroecologia, então, se entende neste processo de construção de mecanismos de defesa do conhecimento local (...) mas também envolver-se na lutas políticas e éticas dos grupos locais que buscam controle dos recursos sobre sua identidade. (SEVILLA GUZMAN, 2001).

Assim, pode-se entender os sistemas de conhecimento local dos agricultores e agricultoras como potencializadores das biodiversidades ecológica e sociocultural em

⁸ ...o campesinato é, mais que uma categoria histórica ou sujeito social, uma forma de manejar os recursos naturais vinculada aos agroecossistemas locais e específicos de cada zona, utilizando um conhecimento sobre tal entorno condicionado pelo nível tecnológico de cada momento histórico e o grau de apropriação de tal tecnologia, gerando-se assim distintos graus de 'camponesidade' (no original: *grados de campesinidad*) (SEVILLA GUZMÁN e GONZÁLEZ de MOLINA, 2005, p. 78).

suas experiências produtivas. Ou seja, movimentos constituídos a partir de ações político-produtivas (SEVILLA GUZMAN, 2001).

No Brasil, a partir dos anos 80, estes preceitos vão consolidando a Agroecologia como uma ciência do campo da complexidade (CAPORAL, 2009), construída a partir da interação entre os conhecimentos da academia e os conhecimentos dos agricultores (fluxos entre teoria e prática) e o reconhecimento do papel dos movimentos sociais como protagonistas em tal aproximação. Tal entendimento embasa a criação tanto da Associação Brasileira de Agroecologia (ABA) como também está presente na Articulação Nacional de Agroecologia (ANA). Tem sido determinante na formulação de políticas públicas, projetos pedagógicos de instituições de ensino, bem como nas estratégias de ação de instituições de pesquisa e de extensão.

A compreensão da Agroecologia como ciência da complexidade, com diversas correntes teóricas (Gliessman, 1981; Altieri, 1983 e Sevilla-Guzmán, 1993) tem promovido um significativo e consistente referencial teórico e prático. Contudo, Caporal e Petersen (2011) pontuam que, no contexto rural nacional, a Agroecologia ainda é vista, por muitos, como “nicho de mercado”. Entretanto, tal percepção contrasta com a importante e cada vez mais intensa repercussão da Agroecologia na sociedade brasileira em suas interações entre o espaço rural e urbano (sistemas de produção, aspectos nutricionais, saúde, relações ecológicas, alternativas de consumo e comercialização, questões culturais, questões de gênero, valorização dos saberes dos povos tradicionais, etc.).

Além disso, a Agroecologia tem um relevante papel no campo sociopolítico tanto no que se refere a organização dos agricultores como de seus sistemas produtivos, como dos movimentos sociais rurais. De acordo com González de Molina (2009) “o poder, tema do qual se ocupa a política, permeia o conjunto das relações sociais e estas determinam e são determinadas pelo meio ambiente”.

Ainda dentro deste entendimento, Caporal e Costabeber (2004) definem a Agroecologia como uma ciência cujos princípios, conceitos e metodologias permitem alcançar estilos de agricultura de base ecológica.

No caso brasileiro, o segmento da Agricultura Familiar, que engloba também os projetos de assentamento de Reforma Agrária, enfrenta problemas inerentes ao processo de modernização agrícola “por meio de crescentes graus de mercantilização (...), crescente subordinação (...) aos setores agroindustriais (...) tendo conduzido à fragilização econômica das famílias agricultoras” (CAPORAL E PETERSEN, 2011).

Além disso, outros desafios são fundamentais no processo de produção numa perspectiva sustentável, tal como propõe Altieri (2009): “a produção estável somente pode acontecer no contexto de uma organização social que proteja a integridade dos recursos naturais e estimule a interação harmônica entre os seres humanos, o agroecossistema e o ambiente” (2009c, p. 27).

Na coesão social do homem com o meio ambiente, no meio rural, o campesinato se contrapõe ao desenvolvimento de uma cultura baseada na exploração capitalista e, ao mesmo tempo, procura preservar uma cultura tradicional baseada no conhecimento do comportamento dos cultivares, transmitidos de geração para geração, conforme bem afirmam Sevilla Guzmán e Molina (2014),

Esta [situação histórica em que surge a antiga tradição dos estudos campesinos] nasce como uma tentativa desesperada de impedir o desenvolvimento do capitalismo pelas formas de ação social coletiva (que hoje podiam muito bem se qualificar como de desenvolvimento rural participativo), cujo objetivo é evitar a desorganização social, exploração econômica e depredação sociocultural que tal processo gerava nas comunidades rurais (SEVILLA GUZMÁN E MOLINA, 2014, pp. 17-18).

Neste contexto atual, no qual a produção agrícola é regulada ainda de forma predominante pelos preceitos da Revolução Verde, as iniciativas de produção orgânica em uma perspectiva agroecológica praticadas pela Coperjunho, podem ser compreendidas como processos de resistência. Pode-se relacionar tais iniciativas com o dizer de Jacob sobre a Agroecologia: “uma racionalidade que impulsiona um sistema agroalimentar contra-hegemônico [...] e um campo de diálogo sobre saberes, práticas e experiências sociais concretas” (JACOB, 2016, p. 41).

O conceito de resistência na prática agroecológica da Coperjunho pode ser compreendido a partir das interações entre o ambiente local com a diversificação produtiva dos assentados cooperados e a organização social da cooperativa. Desta forma recorre-se à Leff (2009), quando a realidade vivida na Coperjunho integra os saberes dos agricultores com uma prática de vida e de trabalho e se desdobra em uma racionalidade que considera o conhecimento e experiência locais dos agricultores.

A racionalidade da modernidade pretende por à prova a realidade, colocando-a fora do mundo que percebemos com os sentidos e de um saber gerado na forja do mundo da vida. O saber ambiental integra o conhecimento racional e o conhecimento sensível, os saberes e os sabores da vida. (...) O saber social emerge de um diálogo de saberes, do encontro de seres diferenciados pela diversidade cultural, orientando o conhecimento para a formação de uma sustentabilidade partilhada. Ao mesmo tempo, implica a apropriação de conhecimentos e saberes dentro de distintas racionalidades culturais e identidades étnicas (LEFF, 2009, p.

A racionalidade baseada na prática campesina considera indicadores tais como a produção para o consumo, predominância do valor de uso, reprodução dos produtores e da unidade produtiva, intercâmbio ecológico e relações mais profundas com a natureza que envolve esse modo de produção e de vida (TOLEDO, 1995). Desta forma, conclui-se que a interação do ambiente local com as formas de produção e de organização das relações entre assentados cooperados e o meio em que vivem, são fomentadores de uma cultura campesina baseada na produção de alimentos saudáveis e com significados próprios.

2.2 RECAMPELINIZAÇÃO, PRODUÇÃO DE SIGNIFICADOS E ESTRATÉGIAS ALTERNATIVAS DE MERCADO

Os processos de construção simbólica da Coperjunho estão presentes na “Perspectiva Orientada a Atores (POA)”, proposta elaborada no âmbito da Escola de Wageningen, na Holanda, por Jan Douwe Van der Ploeg e Norman Long. Na mesma direção, Conterato *et alii* (2011), em uma análise sobre os pressupostos desta linha de investigação, salientam a capacidade de agência dos agricultores a partir de uma nova leitura sobre a realidade que ressignifica o papel e o lugar dos mercados.

No âmbito da emergência de um proletariado rural em convivência com estrutura empresarial agrícola, há um processo de ressignificação da agricultura familiar, conferindo uma outra forma social de produção que ocupa o cenário rural. Não se encontram evidências de que essa forma de campesinato estivesse condenada ao desaparecimento por meio de uma “decomposição” ou subordinação às novas formas de capital do campo (WANDERLEY, 2013).

Desta forma, a tradição camponesa supera a conotação negativa (“atrasada”) e se alia à ciência e novas tecnologias (“aquele que conhece melhor a terra e sua relação com plantas, animais que são seus”) ressemantizando o conceito do camponês (WANDERLEY, 2013).

No entanto, essa ressemantização do camponês não pode ser confundida com o conceito de recampesinização (PLOEG, 2006) que será aprofundado neste referencial teórico. Nos processos produtivos da Coperjunho ocorre a aplicação de novas tecnologias (desenvolvimento de produtos mais saudáveis que se apresentam como orgânicos), mas ainda não é possível inferir as condições e finalidades da aplicação dessas tecnologias. Daí a importância da realização desta pesquisa aplicada.

Trabalha-se com a hipótese que a organização produtiva construída no assentamento Oito de Junho, por meio da Cooperativa Agroindustrial Oito de Junho (Coperjunho) é uma forma de resistência e de continuidade do estilo camponês de produção. Van der Ploeg defende que existem diferentes modos de produção (agriculturas camponesa, empresarial e capitalista), porém “interligados” por meio de “interfaces complexas, às vezes confusas [...] Em cada interface haverá sobreposições consideráveis e altamente intrincadas, assim como movimentos contraditórios, mas combinados” (VAN DER PLOEG, 2006, p. 17). Pois é justamente a análise dessas contradições e combinações que buscar-se-á nesta dissertação, a partir da interpretação

da própria forma de fazer agricultura orgânica na Coperjunho, em um contexto organizativo agroecológico.

A recampesinização, da forma como aqui é abordada no contexto produtivo na Coperjunho, traz elementos qualitativos relevantes, expressados por meios das percepções dos agricultores assentados, principalmente aqueles que estão inseridos no modo de produção agroecológico. Essas percepções e práticas se aderem, de certa forma, ao termo definido como ‘constelação’. No entanto, a realidade encontrada nesta pesquisa se distancia de certa forma, da forma ufanista, conforme estabelecida por VAN DER PLOEG (2006),

O surgimento do modo empresarial de produção agropecuária não fez desaparecer o modo camponês de produção. Em muitos lugares, em todo o mundo, permaneceram importantes ‘bolsões’ de agricultura camponesa. Além disso, estamos testemunhando, nas últimas duas décadas, novos e relevantes processos de recampesinização, às vezes de natureza qualitativa, às vezes quantitativa. Mas há também uma série crescente de expressões que envolvem simultaneamente a dimensão quantitativa e qualitativa. Recampesinização é, de fato, a segunda importante tendência histórica que moveu o mundo rural para além do clássico dualismo entre capitalistas e camponeses. O “camponês” não é mais o lado da equação que vai desaparecendo: a recampesinização expressa a formação de novas, robustas e promissoras constelações – que se apresentam, cada vez mais, superiores aos demais modos de produção (VAN DER PLOEG, 2006, p.19).

O Projeto de Assentamento (PA) Oito de Junho, ao qual a Coperjunho faz parte, está inserido no Território da Cidadania da Cantuquiriguaçu, no estado do Paraná. A região da Cantuquiriguaçu, de acordo com Christoffoli e Santos (2014), é formada “por vinte municípios, com diversidade de atores sociais [...] se localizam quarenta e nove assentamentos rurais com 4.204 famílias num universo de vinte mil famílias de agricultores”. Dada essa diversidade, há a necessidade de analisar a prática da agricultura familiar (concretizada na produção orgânica da Coperjunho) e a emergência do campesinato (concretizado por meio da organização produtiva por meio da certificação participativa e da vinculação política aos movimentos sociais do campo).

Há recampesinizações de ordem política, baseadas na luta pela terra, ao mesmo tempo em que está em curso uma descampesinização derivada da ação do mercado. Nesse sentido, na oposição Império⁹ x camponeses, há relações capitalistas em menor

⁹ A noção do Império pode ser aqui explicada: “As interligações entre os três grupos agrários (agricultura capitalista, agricultura empresarial, agricultura camponesa) e a sociedade em geral são estruturadas em muitas formas distintas [...] Um desses modelos centra-se na construção e reprodução de circuitos curtos e descentralizados que ligam a produção e o consumo de alimentos e, de uma forma mais geral, a agricultura e a sociedade regional. O outro, fortemente centralizado, é constituído por grandes

escala, como aquelas entre ex-camponeses e assalariados, ou a relação dos camponeses com comerciantes, pequenas indústrias, supermercados, etc. Assim, encontra-se nesta dissertação os preceitos bem definidos por Van der Ploeg (2008), no que tange à capacidade de resistência e de criação do campesinato frente às adversidades, uma vez que o assentamento Oito de Junho materializa um contraponto ao latifúndio e, ao mesmo tempo, sofre uma influência externa de mercado que demanda produtos orgânicos com avaliação de conformidade e que, assim, interfere no estilo de produção da Coperjunho, baseado na produção orgânica, de viés agroecológico,

Em sua relação com o Império, o campesinato representa cada vez mais a resistência [...]. A resistência se encontra em uma vasta gama de práticas heterogêneas e cada vez mais interligadas através das quais o campesinato se constitui como distintamente diferente. Ela se encontra nos campos, na forma como o ‘estrume bom’ é produzido, como as ‘vacas nobres’ são criadas e como as ‘belas propriedades’ são construídas. Por mais antigas e irrelevantes que essas práticas podem parecer se consideradas isoladamente, no contexto do Império elas são cada vez mais veículos através dos quais a resistência é expressa e organizada. [...] Em suma, a resistência do campesinato reside, acima de tudo, na multiplicidade de respostas continuadas e/ou criadas de uma nova forma para confrontar o Império como principal modo de ordenamento (VAN DER PLOEG, 2008, p. 289).

Nessa combinação entre o campesinato e a prática da agricultura orgânica com fins comerciais/empresariais, a agricultura familiar encontra-se integrada entre dois grandes modelos de desenvolvimento. Conforme Niederle (2009), o modelo produtivista herdado dos anos de modernização ainda demonstra sua preeminência, ganhando inclusive novo impulso com a atual expansão da produção de *commodities* estimulada pela crescente demanda internacional. No entanto, face à crescente vulnerabilidade econômica e social que este modelo tem produzido, cada vez mais ele é obrigado a coexistir com experiências inovadoras que, no conjunto, podem apontar para a constituição de dinâmicas de desenvolvimento mais endógenas e territorializadas.

Estas, de acordo com Niederle (2009), se consolidam a partir da disseminação de uma série de mercados alternativos como especialidades de nicho (especialmente com os produtos orgânicos), artesanais, solidários e institucionais.

A análise da produção orgânica da Coperjunho implica considerar um mercado cada vez mais complexo. Mercado esse que pode afetar sobremaneira as diversas dimensões da realidade que conformam a perspectiva agroecológica da cooperativa. Conforme aponta Conterato *et alii* (2011), “a mercantilização é o resultado de um

empresas de processamento e comercialização de alimentos que, cada vez mais, operam em escala mundial. Esse modelo será referido [...] como Império (VAN DER PLOEG, 2008, p.20).

amplo processo de negociação e disputa entre os atores (individuais e coletivos; locais e externos) que envolve o controle de recursos (materiais e simbólicos)”.

As práticas comerciais da Coperjunho são sinais de uma revolução aparente “de baixo para cima”. Com a produção orgânica de base agroecológica adotada por parte de seus cooperados, entende-se que esses eventos evidenciam a soberania do produtor.

Há uma preocupação de levar o alimento saudável para os consumidores urbanos em uma relação de proximidade e confiança, pois se conhece a procedência dos produtos, seja por meio de signos (rótulos) ou simplesmente pelo conhecimento que o PA Oito de Junho produz alimentos orgânicos com viés agroecológico.

Para Sassatelli (2004), as práticas alternativas de consumo variam de acordo com o seu alvo e escopo: o consumidor a si mesmo, a comunidade ou a natureza, demandando mudanças no capitalismo contemporâneo, ou simplesmente fornecendo formas alternativas de integração na cultura capitalista contemporânea. O exemplo da Coperjunho é uma amostra de que esse cenário é possível de existir e reflete uma relação sógnica complexa. No entanto, dadas as dificuldades encontradas pelos agricultores para manter o sistema de produção orgânica, as relações de consumo evidenciam uma controvérsia entre Agroecologia e a Agricultura Orgânica.

Nesse todo complexo, esta análise envolve aspectos que vão além do quantitativo. Qualitativamente, o baixo consumo de produtos orgânicos não é explicado apenas pelo preço superior deles, mas também pela aparente falta de conscientização e pela descrença das pessoas acerca dos problemas ambientais e de saúde.

Assim, na Agroecologia e na Agricultura Orgânica há distintos significados, na qual avança-se no estudo das formas de inserção no mercado das organizações camponesas, com origem nos movimentos sociais do campo, a partir de uma estratégia de Desenvolvimento Rural Sustentável (DRS). A mercantilização amplia relações de troca e, conseqüentemente, as de produção capitalista, com influências positivas e negativas.

A mercantilização é o resultado de um amplo processo de negociação e disputa entre os atores (individuais e coletivos; locais e externos) que envolve o controle de recursos (materiais e simbólicos) e, desta forma, o domínio dos mercados. A mercantilização está associada à transformação de noções estratégicas, valores e percepções que guiam os agricultores na organização de suas unidades de produção e vida social (CONTERATO *et alii*, 2011).

É a partir desta conjunção de significados que o fenômeno comporta, que podemos perceber como os mercados são mais do que simples mecanismos de transformação de valores de uso em valores de troca [...] São construções sociais cujo formato específico reflete a contínua interação entre os atores, seus projetos, estratégias e repertórios culturais (CONTERATO *et alii*, 2011).

Diante de mercados que formam redes sociais entre atores sociais e os contextos onde vivem, considerando valores de troca, se faz necessária a abordagem dos arranjos produtivos coerentes com a Nova Sociologia Econômica (NSE) e Perspectiva Orientada a Atores (POA). São interfaces dos produtores com as estruturas, agregando valores da matriz chayanoviana (CONTERATO; NIEDERLE; RADOMSKY e SCHNEIDER, 2011).

Os denominados “repertórios culturais” orientam as práticas dos agricultores em um contexto denominado “virada culturalista” (*cultural turn*). Nele, a POA procura evidenciar a importância das representações para explicar e entender as respostas diferenciais dos atores em ambientes heterogeneamente mercantilizados. Os mercados deixam de ser percebidos como estruturas rígidas e externas e se tornam espaços sociais resultantes das interações entre os agricultores e os demais atores do rural, inclusive não-agricultores, em um todo complexo que será abordado na sequência.

2.3 A COMPLEXIDADE DA PRODUÇÃO AGROECOLÓGICA, EM UMA PERSPECTIVA DE DESENVOLVIMENTO RURAL SUSTENTÁVEL (DRS)

No manejo sustentável dos agroecossistemas e com a aplicação da ecologia nos sistemas agrícolas, a articulação de componentes físicos, biológicos e, especialmente, socioeconômicos, demanda movimentos comunicativos relevantes no desenvolvimento de atividades dos agricultores. No caso da Coperjunho, a abordagem da Comunicação Social, com o estudo dos signos na Agroecologia, acontece em sinergia com os processos educativos em extensão rural (CAPORAL E COSTABEBER, 2009).

A Agroecologia, da forma como aqui é abordada, com enfoque sistêmico e interdisciplinar, contempla diferentes áreas do conhecimento, assim realizou-se o estudo envolvendo a disciplina de Comunicação Social, em especial a Semiótica¹⁰, de forma multidimensional. Essa multidimensionalidade tem referência em diversos autores.

Como afirmam Sevilla Guzmán e Ottmann (2004), os elementos centrais da Agroecologia podem ser agrupados em três dimensões: a) ecológica e técnico-agronômica; b) socioeconômica e cultural; e c) sócio-política. Estas dimensões não são isoladas. Na realidade concreta elas se entrecruzam, influem uma à outra, de modo que estudá-las, entendê-las e propor alternativas supõe, necessariamente, uma abordagem inter, multi e transdisciplinar (CAPORAL *et alli*, 2009, p. 5).

Desta forma, é possível inferir que a comunicação e a agricultura sustentável caminham juntas no campo da complexidade do Agroecologia. A partir do momento em que o assentado se identifica com a produção agroecológica por meio de um processo educativo, ele passa a se dar conta de pertencer a alguma coisa que dá sentido à vida enquanto camponês e, ao mesmo tempo, com uma forma de trabalho e renda. Para demonstrar esse sentido, o faz por meio de signos específicos, como forma de distinção simbólica. Essa distinção pressupõe que as pessoas detentoras do conhecimento agroecológico devem fazer parte do processo do planejamento na condição para a concretização de uma agricultura ecológica (ALTIERI, p. 166, 2012).

Essas são as premissas desta pesquisa interdisciplinar nas áreas de Comunicação Social e Agricultura. A partir deste momento, se faz necessário investigar mais adiante se o assentado é capaz de diferenciar Agroecologia e Agricultura Orgânica, uma vez que

¹⁰ A Semiótica estuda o mundo das representações e da linguagem e conforme Nicolau *et alii* (2010) “...se baseia numa tríade de classificações e inferências ao demonstrar objetos no mundo, suas representações em forma de signos e nossa interpretação mental desses objetos.”

as práticas de agricultura orgânica nem sempre estão alinhadas com os princípios da Agroecologia, com várias controvérsias (ASSIS e ROMEIRO, 2002).

Assim, as respostas para essas controvérsias podem trazer subsídios importantes para a compreensão do processo de construção sógnica, à luz da Semiótica Peirceana, pelos assentados da marca “Coperjunho – Alimentação Saudável”, considerando as dimensões organizativas existentes, em se tratando de uma organização criada a partir de um assentamento do Programa Nacional de Reforma Agrária (PNRA).

A Semiótica, como campo de estudo dos signos, pode ser uma importante contribuição na metodologia e análise de dados, uma vez que os produtos orgânicos necessitam “significar algo além” dos produtos convencionais para serem reconhecidos como orgânicos. Os produtos orgânicos recebem uma designação sógnica, o que norteará este trabalho em quase totalidade. Esses produtos da Coperjunho, rotulados como orgânicos se apresentam a um mercado e nesse contexto, a Agroecologia também se apresenta, porém, como um movimento organizativo dos produtores cooperados. No entanto, a Semiótica não é uma disciplina isolada, uma vez que a produção sógnica, em toda a sua complexidade, demanda a participação de pessoas para se tornar algo concreto e com sentido. Nesse momento, é fundamental analisar a contribuição de Paulo Freire¹¹ com foco na percepção e produção do conhecimento pelos assentados da Coperjunho.

Conhecer, na dimensão humana, que aqui nos interessa, qualquer que seja o nível em que se dê, não é o ato através do qual um sujeito, transformado em objeto, recebe, dócil e passivamente, os conteúdos que outro lhe dá ou impõe. O conhecimento, pelo contrário, exige uma presença curiosa do sujeito em face do mundo. Requer sua ação transformadora sobre a realidade. Demanda uma busca constante. Implica invenção e reinvenção. Reclama a reflexão crítica de cada um sobre o ato mesmo de conhecer, pelo qual se reconhece conhecendo e, ao reconhecer-se assim, percebe o ‘como’ de seu conhecer e os condicionamentos a que está submetido seu ato. Conhecer é tarefa de sujeitos, não de objetos. E é como sujeito, e somente enquanto sujeito, que o homem pode realmente conhecer. (FREIRE, 2014, p. 29)

A partir deste momento, reuniu-se uma fundamentação teórica que contemple a complexidade da produção orgânica de viés agroecológico em uma cooperativa formada por assentados do Programa Nacional de Reforma Agrária (PNRA). Nesse contexto de

¹¹ Sevilla Guzmán e Soler (2010) tratam da importância da obra de Paulo Freire no Movimento de Trabalhadores Rurais Sem-Terra: ...(MST) do Brasil, que combinou (e continua a fazê-lo) a ocupação ilegal de terras para alimentar os camponeses com fome, com ações de transformação social, entre as quais a adaptação da pedagogia dos oprimidos de Paulo Freire para sua educação popular em massa. (p. 207).

campesino e na estratégia de resistência para sobrevivência nos mercados, buscou-se, sintetizar, os elementos teóricos necessários para ir além na discussão dissertativa. Agora, o foco está nas individualidades, percepções e vivências dos sujeitos. Assim, tem início um aprofundamento teórico dentro da metodologia deste trabalho, dada a necessidade de uma análise sógnica específica. Essa análise será detalhada no próximo capítulo.

3 METODOLOGIA

Nesta dissertação, foi realizada uma análise semiótica aplicada no contexto do Desenvolvimento Rural Sustentável (DRS), lastreada em questionamentos, feitos pelo pesquisador, na busca por elementos verbais e sígnicos. Elementos estes que demonstram o caráter utópico naquelas relações produtivas agroecológicas organizadas por meio de movimentos sociais e instrumentos específicos de conformidade (certificação participativa). Pela natureza da pesquisa e complexidade do tema proposto, neste capítulo há uma fundamentação teórica específica que dá sustentação aos procedimentos metodológicos aqui adotados.

Como fundamento e base teórica complementar para a construção deste trabalho, utilizou-se os fundamentos teóricos propostos por Charles Sanders Peirce, de forma a analisar as condições gerais dos signos no contexto produtivo da Coperjunho, com base na Semiótica, que se apresenta em três ramos: a gramática especulativa, a lógica crítica e a metodêutica (ou retórica especulativa).

Compreende-se gramática especulativa, de acordo com Santaella (2002, p. 3), como “o estudo de todos os tipos e formas de pensamento que eles possibilitam”, a lógica crítica como base das “diversas espécies de signos e estuda os tipos de inferências, raciocínios ou argumentos que se estruturam através dos signos”, e por fim, a metodêutica que tem como função “analisar os métodos a que cada um dos tipos de raciocínio dá origem.”

Como base para compreensão a Semiótica de Peirce, ou simplesmente, Semiótica Peirceana, como será denominada a partir de agora, aprofundar-se-á um pouco mais os conceitos da sua “arquitetura filosófica”.

O primeiro ramo da Semiótica, o da gramática especulativa fornece as definições e classificações para a análise de todos os tipos de linguagens, signos, sinais, códigos, etc., de qualquer espécie e de tudo que está neles implicado: a representação e os três aspectos que ela engloba, a significação, a objetivação e a interpretação [...] o signo tem uma natureza triádica, quer dizer, ele pode ser analisado: em si mesmo, nas suas propriedades internas, ou seja, no seu poder para significar; na sua referência àquilo que ele indica, se refere ou representa; e nos tipos de efeitos que está apto a produzir nos seus receptores, isto é, nos tipos de interpretação que ele tem o potencial de despertar nos seus usuários. (SANTAELLA, 2002, p.5)

Na proposta aqui definida, de mapeamento das relações cognitivas no contexto da produção agroecológica da Coperjunho (em especial nos processos de geração

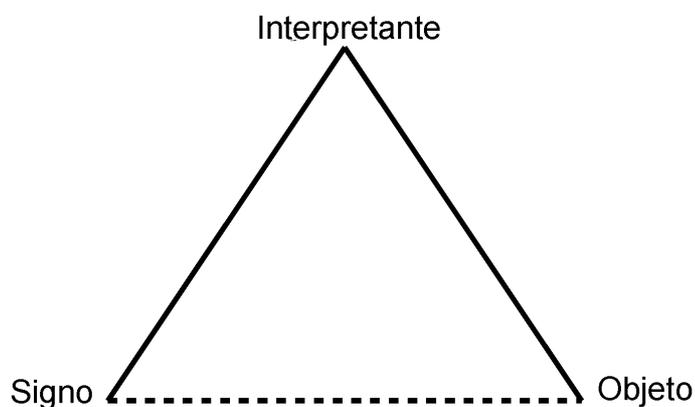
sígnica), a Semiótica Peirceana permite analisar as mensagens verbais, imagéticas e sonoras, assim como as misturas de palavra e imagem, de forma que dialogue com as teorias específicas da Agroecologia. A gramática especulativa, adotada na base teórica deste estudo, diz respeito “às definições dos elementos constitutivos dos signos, de suas classificações e modos de significar, referenciar e serem interpretados” (Santaella, 1998, p. 33).

Uma condição necessária para a melhor compreensão da Semiótica Peirceana é definir o conceito de signo, como bem define Coelho Netto (1980) ao explicar a relação triádica do mesmo,

Para Peirce, o signo é aquilo que, sob certo aspecto, representa alguma coisa para alguém. Dirigindo-se a essa pessoa, esse primeiro signo criará na mente (ou semiose) dessa pessoa um signo equivalente a si mesmo, ou eventualmente, um signo mais desenvolvido. Este segundo signo criado na mente do receptor recebe a designação de interpretante (que não é o intérprete), e a coisa representada é conhecida pela designação de objeto (COELHO NETTO, 1980, p. 56).

Para uma melhor compreensão dessa relação triádica, apresenta-se a proposta de Ogden & Richards (apud Coelho Netto, 1980), conforme figura abaixo:

Figura 1: Proposta de Ogden & Richards sobre a relação triádica.



Fonte: Adaptado pelo autor, de Coelho Netto, 1980.

Entre o Signo e Interpretante, há uma relação de causalidade, uma vez que, de acordo com Teixeira Coelho (1980, p. 56), “o signo utilizado é em parte causado pela referência feita e em parte por fatores sociais e psicológicos constatáveis através dos conceitos causados pelo signo sobre a atitude do receptor e terceiros”. O mesmo ocorre entre o Interpretante, como efeito interpretativo do signo e o Objeto, uma “coisa” no

lugar do signo. Essa “coisa” qualquer está na posição de objeto, segundo Santaella (2002, p. 8), “porque é representada pelo signo.

Entre Signo e Objeto, não há relações de pertinência. Para uma melhor compreensão dessa parte da relação triádica proposta por Peirce, seguir-se-á o exemplo de Teixeira Coelho (1980), com o signo /casa/. Para o autor, no momento em que uma casa qualquer vista com os olhos dele é defrontada com o signo /casa/ (formado por letras do alfabeto) por ele utilizado para designá-la, não há relação causal ou de obrigatoriedade.

A opção metodológica, utilizando a semiótica no contexto produtivo da Coperjunho implica também, uma análise fenomenológica, sendo que para Peirce há três elementos formais e universais em todos os fenômenos, ou categorias fenomenológicas de signos, que se apresentam à percepção e à mente: primeiridade, secundidade e terceiridade.

A primeiridade aparece em tudo que estiver relacionado com acaso, possibilidade, qualidade, sentimento, originalidade, liberdade, mônada. A secundidade está ligada às ideias de dependência, determinação, dualidade, ação e reação, aqui e agora, conflito, surpresa, dúvida. A terceiridade diz respeito à generalidade, continuidade, crescimento, inteligência. A forma mais simples da terceiridade, segundo Peirce, manifesta-se no signo, visto que o signo é um primeiro (algo que se manifesta à mente), ligando um segundo (aquilo que o signo indica, se refere ou representa) a um terceiro (o efeito que o signo irá provocar em um possível intérprete) (SANTAELLA. 2002, p. 7).

Para definir melhor o conceito de signo, que permeará toda a abordagem empírica deste capítulo da dissertação na análise sîgnica da produção orgânica de base agroecológica da Coperjunho, é necessário recorrer diretamente à Peirce, com a seguinte definição, que sintetiza de forma bastante clara.

Um signo intenta representar, em parte (pelo menos), um objeto que é, portanto, num certo sentido, a causa ou determinante do signo, mesmo que o signo represente o objeto falsamente. Mas dizer que ele representa seu objeto implica que ele afete uma mente, de tal modo que, de certa maneira, determina, naquela mente, algo que é mediatamente devido ao objeto. Essa determinação da qual a causa imediata ou determinante é o signo e da qual a causa mediada é o objeto pode ser chamada de interpretante (CP 6.347 apud Santaella, 1998, p. 38).

Nesse sentido, faz-se necessário o aporte teórico da questão do objeto do signo, “pois é a ele que as questões da percepção estão mais diretamente conectadas”

(Santaella, 1998, p. 40). Na tríade, o objeto pode ser considerado uma coisa, mas na maior parte das vezes não é.

O signo pode denotar um objeto perceptível (coisa que provavelmente terá alguma identidade com uma coisa) mas pode denotar também um objeto apenas imaginável ou mesmo insusceptível de ser imaginado. Enfim, o signo pode denotar qualquer objeto: sonhado, alucinado, existente, esperado etc. Além disso, na maior parte das vezes, o objeto não é algo individualizável. Dificilmente os signos terão um só objeto (SANTAELLA, 1998b, p. 41).

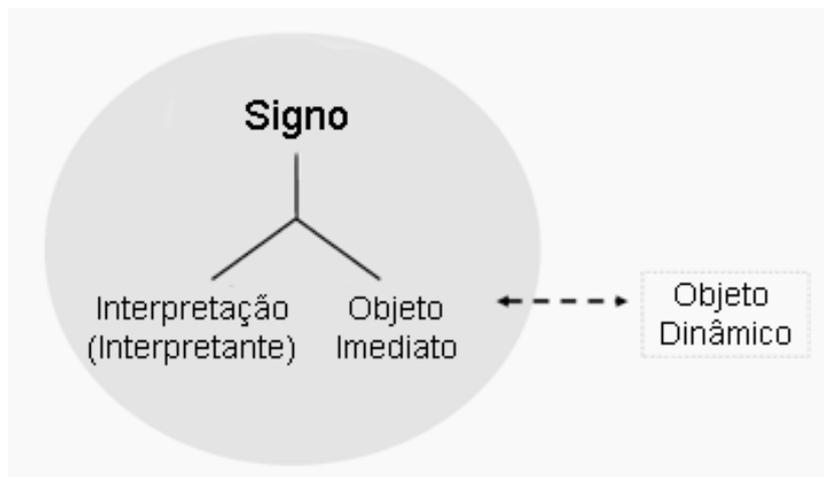
Para se ter uma noção da complexidade da noção do objeto na Semiótica Peirceana, é preciso diferenciá-lo nas duas tipologias do mesmo (imediatos e dinâmicos). De acordo com Santaella,

“há dois tipos de objetos: o imediato e o dinâmico, cujas naturezas serão diferentes, dependendo de o signo ser um ícone, um índice ou um símbolo. Em termos gerais, o imediato é o objeto tal como está representado no signo, que depende do modo como o signo o representa, ou seja, o objeto que é interno ao signo. O dinâmico é o objeto que está fora do signo e que, lá de fora, o determina, ou seja, aquele objeto que, pela própria natureza das coisas, o signo não consegue expressar inteiramente, podendo só indicá-lo, cabendo ao intérprete descobri-lo por experiência colateral. O objeto dinâmico, portanto, tem autonomia, enquanto o imediato só existe dentro do signo. Mas, uma vez que não temos acesso ao objeto dinâmico a não ser pela mediação do signo, é o objeto imediato, de fato, aquele que está dentro do signo, que nos apresenta o objeto dinâmico (SANTAELLA, 1998c, p.48).

De acordo com Alrøe (2000), na Abordagem Perspectivista para Assimetrias de Conhecimento, tem-se uma relação multifuncional na qual há uma distinção entre o Objeto Imediato, como aparece para o observador-pesquisador na forma de produção agrícola orgânica de base agroecológica e o Objeto Dinâmico, que representa a potencialidade do objeto nele mesmo envolvendo uma multifuncionalidade composta não apenas por uma única perspectiva mas de uma comunicação reflexiva entre diferentes perspectivas e disciplinas.

Para Alrøe (2000) , “o que vemos depende de como nós vemos”. A cognição nesse processo comunicativo não deixa de ser uma redução, pois é baseada em um contexto específico. Como considerar-se-á a produção orgânica, em um contexto agroecológico, como um Objeto Dinâmico, há um excedente de possibilidades para cognição, ou seja, nessa relação não há uma cognição completa, conforme figuras 2 e 3 abaixo do esquema apresentado por Alrøe (2000).

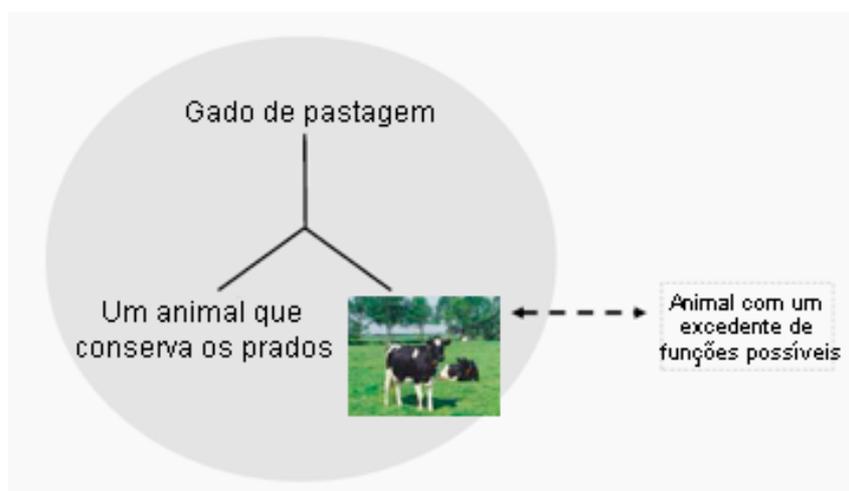
Figura 2: esquema de relação triádica do Signo, Interpretante e Objeto Imediato.



Fonte: Adaptado do autor, de Alrøe (2000).

Figura 3: exemplo de relação triádica do Signo, Interpretante e Objeto Imediato.

O que entendemos como “vaca”?



Fonte: Adaptado do autor, de Alrøe (2000).

Devido ao fato dos assentados estarem vinculados à uma instituição (Coperjunho), se faz necessário aporte teórico da Semiótica Peirceana, no que diz respeito à fenomenologia e a semiose das instituições, uma vez que na prática da Coperjunho, ao contrário dos preceitos da vertente funcionalista (a ser explicada na sequência), observa-se uma prevalência dos signos baseados na vivência pessoal de cada agricultor sobre a prática institucionalizada da cooperativa.

Santaella (2002) propõe a teoria estrutural-funcional dos sistemas sociais, proposta por Talcott Parsons para a analisar “sistemas sociais de ação, nos quais atores

individuais são considerados como objetos sociais e a interação de atores sociais é tratada como sistema”. Na sua argumentação, Santaella não tem a intenção de mapear pesquisa sobre instituições no ponto de vista sociológico e sim, discutir o conceito de instituição em uma perspectiva da Semiótica de Peirce, com ênfase na terceiridade, que é a categoria do signo, no contexto das três categorias (primeiridade, secundidade e terceiridade). Santaella propõe que as instituições são predominantemente fenômenos de terceiridade, pois “têm o caráter de leis que governam fatos no futuro” e que “o propósito que une um grupo de pessoas em torno de uma instituição é o objeto do signo-instituição (...) representa esse propósito, seu objeto, através de um sistema de normas”, e que justamente esse sistema de normas que é “legi-signo que regula os padrões de comportamento de indivíduos pertencentes a uma instituição”. (2002, p. 148).

No sistema de normas, no qual está fundada a vertente funcionalista, o caso da Coperjunho evidencia um movimento distinto ao abordado por Santaella. Nele, não há a vinculação sógnica dos agricultores à uma instituição, e sim o contrário. Nesse movimento semiótico, a terceiridade é concretizada no movimento das pessoas. A instituição, no caso da Coperjunho, está nas pessoas que fazem parte dela.

Desta forma, a percepção da Agroecologia pelos assentados não apenas gera sentido e significados, mas também é uma forma de refletir sobre o papel daquelas pessoas em uma conjuntura complexa que se revela na práxis, na qual as potencialidades do mundo de vida e de trabalho se traduzem e se concretizam.

“Por outro lado, o homem, que não pode ser compreendido fora de suas relações com o mundo, de vez que é um ‘ser-em-situação’, é também um ser do trabalho e da transformação do mundo. O homem é um ser da ‘práxis’: da ação e da reflexão. Nestas relações com o mundo, através de sua ação sobre ele, o homem se encontra marcado pelos resultados de sua própria ação. Atuando, transforma; transformando, cria uma realidade que, por sua vez, ‘envolvendo-o’, condiciona sua forma de atuar”. (FREIRE, 2014, p. 31)

Enfim, nesses procedimentos metodológicos, recorre-se novamente a Freire, conforme acima, no sentido que é necessário considerar o meio em que os assentados vivem, e como a realidade é transformada a partir da prática vivida. Esse movimento é necessário, ao considerar as singularidades da organização produtiva da agricultura orgânica de viés agroecológico da Coperjunho. Nesse arranjo produtivo, as ações dos agricultores assentados são mediadas pela realidade que o envolve. Essas mediações se dão por meio das percepções e da geração de significados.

3.1 CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO

Quanto à natureza, esta é uma pesquisa aplicada que objetiva gerar conhecimentos novos e úteis para o avanço da ciência. A abordagem é qualitativa, pois as relações entre os assentados da Coperjunho e mundo real necessitam de uma análise indutiva.

Em relação aos objetivos, esta pesquisa tem caráter em parte descritivo, a partir da forma como a Agricultura Orgânica de viés agroecológico é percebida por três grupos distintos de produtores agrícolas: os certificados para produção orgânica, os em processo de transição e os que retornaram para a agricultura convencional. A pesquisa tem caráter em parte explicativo, uma vez que busca o aprofundamento do conhecimento da realidade a partir da correlação direta dos dados obtidos nas entrevistas com a literatura do campo da Semiótica.

Quanto aos procedimentos técnicos, esta pesquisa tem natureza bibliográfica, por estar lastreada por teorias específicas. Além disso, o pesquisador definiu as variáveis capazes de influenciar este estudo (por meio da Abordagem Perspectivista para Assimetrias de Conhecimento e da Abordagem Poliocular à Dinâmica e Governança da Agricultura Orgânica) e a observação direta dos efeitos que essas variáveis produzem. Por fim, tem a característica de estudo de caso, por se tratar de fenômenos analisados em um lugar e público específicos.

3.2 PARTICIPANTES DO ESTUDO

De acordo com dados do Incra, o Projeto de Assentamento (PA) Oito de Junho possui 74 lotes na área denominada “Fazenda Rio do Leão”, ocupada por dezessete famílias, em 8 de junho de 1997 (CAMPOS, 2011, apud MARTIGNONI, 2013), e desapropriada pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) em 11 de novembro de 1999. O PA tem 71 famílias assentadas, das quais 30 são associadas à Coperjunho, em um total de 51 sócios. Nem todo cooperado tem lote com produção agroecológica. Em março de 2006, a Coperjunho tinha oito famílias certificadas com produção orgânica (certificação participativa), das quais seis viviam no PA Oito de Junho e duas no PA Ireno Alves dos Santos, em Rio Bonito do Iguaçu/PR. Oito famílias do PA Oito de Junho estavam em processo de transição. As demais trabalhavam no processo produtivo convencional. No entanto, esse quadro foi significativamente alterado a partir de um levantamento realizado em agosto de 2017, com fins à realização das entrevistas no trabalho de campo. Verificou-se que uma família certificada havia abandonado o processo de produção orgânica. Além disso, outras seis famílias em transição no PA Oito de Junho abandonaram o processo de produção de orgânicos.

O estudo foi realizado por meio da realização de entrevistas com quatro grupos. O primeiro foi formado por cinco famílias de assentados que já estão certificados para a produção orgânica no PA Oito de Junho. O segundo grupo teve a participação de duas famílias do PA Oito de Junho, em processo de transição para a produção orgânica, ainda não certificadas. O terceiro grupo foi composto por outras duas famílias, do PA Oito de Junho, que por um momento produziam orgânicos em fase de transição, mas retornaram à produção convencional. Por fim, no quarto grupo, foram realizadas entrevistas com a direção da Coperjunho e profissionais que dão assistência técnica para a cooperativa. A família designou um representante para cada entrevista, realizada individualmente em cada lote ou local designado de acordo com a conveniência da própria família.

As entrevistas com os assentados (certificados e em processos de transição) tiveram como função fornecer dados necessários para o cumprimento dos objetivos específicos 1.1.1 e 1.1.2 desta dissertação.

As entrevistas com a direção da Coperjunho serviram para subsidiar a análise e interpretação das marcas e identidades dos produtos agroecológicos da cooperativa.

3.3 COLETA DE DADOS

Os dados explorados nas pesquisas de campo foram obtidos da seguinte forma:

a) por meio de entrevistas semi-estruturadas;

b) pela observação analítica dos signos por parte dos entrevistados (assentados e diretores da Coperjunho) que se transformaram em manifestações individuais. Nessa etapa, o pesquisador apresentou um cartaz com o signo determinado. Posteriormente, pediu para o entrevistado responder sobre o que aquele signo representa no contexto de trabalho.

A escolha dos elementos simbólicos abordados no item b) se deu por meio de uma opção metodológica na qual alguns cortes arbitrários foram estabelecidos, uma vez que a semiose, de acordo com Peirce, é um processo ininterrupto (SANTAELLA, 2005). Nesse caso, houve um limite aplicado pelo pesquisador na abordagem dos Objetos Dinâmicos, conforme abordado na Metodologia deste trabalho. Nesta delimitação, considerou-se o que seria revelado nesta análise, ou seja, a percepção do agricultor assentado sobre Agroecologia e Agricultura Orgânica.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 OS SIGNOS CONCRETOS DA AGROECOLOGIA

O Projeto de Assentamento (PA) Oito de Junho, ao qual a Coperjunho faz parte, está inserido no Território da Cidadania do Cantuquiriguaçu, no estado do Paraná. Nesse sentido, a organização produtiva de um grupo de mulheres que foi se estruturando para o atendimento de um mercado institucional constitui a Coperjunho como um exemplo de construção da autonomia camponesa.

A incorporação da Agroecologia como um dos cinco princípios institucionais da Coperjunho (os outros são: direção coletiva, desenvolvimento social, formação, capacitação e organização dos associados (as), sustentabilidade e igualdade) faz parte de uma estratégia para o posicionamento do grupo de assentados na dimensão econômica na agricultura e no ideário da sustentabilidade como um paradigma emergente como contraponto as consequências da Revolução Verde, no dizer de SARANDÓN E FLORES (2014), danosas ao meio ambiente pela utilização de agrotóxicos, fertilizantes químicos, de forma intensiva e com altos custos operacionais. Para estes autores, somente com uma agricultura economicamente viável, socialmente aceitável e suficientemente produtiva, é possível manter a base de recursos naturais e preservar a integridade do ambiente a nível local, regional e global.

Para Sarandón e Flores (2014), um modelo sustentável de agricultura deve ser social e culturalmente aceitável tanto para os agricultores e funcionar de acordo com seus interesses, crenças e valores. Assim, são múltiplas as dimensões presentes na realidade e para as quais a Agroecologia está desafiada a contribuir para seu entendimento e superação de problemas: produtiva, ecológica, temporal, econômica, social e cultural, etc. Há de se ressaltar aqui, a importância do componente sociocultural na Agroecologia, uma vez que a prática agroecológica influencia na forma como o agricultor está no mundo. O bem-estar ambiental, assim como o conceito da sustentabilidade, de sentido tão amplo, não é apenas o cuidado com as plantas e o solo, mas também de cuidar das gerações que virão. Os repertórios culturais são um importante patrimônio a ser assegurado, assim como,

... há aspectos socioculturais muito importantes para alcançar a satisfação do agricultor que não deve ser deixado de lado. [...] a ideia de solidariedade com as gerações futuras significa conservar a capacidade produtiva do sistema [...]. Finalmente, o modelo da agricultura deve ser social e culturalmente aceitável, tanto para o agricultor, de acordo com seus interesses, crenças e valores, quanto com o resto da sociedade. [...] a sustentabilidade é um conceito multidimensional complexo porque inclui o cumprimento simultâneo de vários objetivos ou dimensões: produtivo, ecológico, temporal, econômico e sociocultural. Esses objetivos são igualmente importantes, de realização simultânea e não são reutilizáveis uns com os outros (SARANDÓN E FLORES, 2014, p. 54).

As manifestações simbólicas pelos assentados cooperados da Coperjunho se concretizam de diversas formas, sempre com a Agroecologia como pano de fundo. Nos ornamentos das mesas, nas místicas¹², na presença de bandeiras do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST), todos componentes sógnicos de grande importância que ajudam a construir a identidade e marca dos produtos e que evidenciam o modo de vida no qual o agricultor exerce um protagonismo na relação produtiva com a natureza.

¹² Conforme LARA JUNIOR (2005), as lideranças do MST concebem as místicas como uma estratégia política de convencimento. Já, para os organizadores, as místicas são estratégias educativas, enquanto para os participantes, são estratégias celebrativas e reivindicatórias. Então, para se referir à mística, é preciso saber de qual grupo se está tratando, pois para cada um a tonalidade política ou religiosa varia de acordo com suas concepções e práticas dentro do movimento. Para BOGO (2000), as místicas podem ser militantes, baseadas em uma subjetividade que se desenvolve com a vontade, organização e a consciência, a partir de condições objetivas encontradas em uma realidade que se traduz na exploração, miséria e crises.

Figs. 4, 5, 6 e 7: Ornamentos utilizados pelos assentados da Coperjunho nas místicas.



Fonte: Elaborado pelo próprio autor.

Nas figuras 4, 5, 6 e 7, encontram-se essas manifestações que reforçam o simbolismo da Agroecologia enquanto forma de vida, muito além de uma simples atividade agrícola. Esses elementos culturais, concretizados por meio de signos, podem agregar valores que podem ser compartilhados com a comunidade, fazendo com que os produtos da Coperjunho tenham uma identidade própria, reconhecível e reconhecida pelos consumidores. Esses são alguns aspectos da culturalidade que não pode ser desprezada,

Do ponto de vista cultural, a Agroecologia entende que a intervenção nos agroecossistemas deve considerar os valores e conhecimentos locais das populações rurais e que estes devem ser o ponto de partida para a geração de propostas para o desenvolvimento rural. [...] Um dos aspectos mais destacados da Agroecologia é a força com que introduz e destaca esse componente sociocultural. Isso porque ele entende que é o agricultor que decide modificar ecossistemas naturais para transformá-los em agroecossistemas. [...] O estilo de agricultura que cada produtor escolhe está relacionado ao seu ambiente socioeconômico, cultural, conhecimento, interesses, relacionamento com a comunidade, etc. Desconsiderar este componente ou minimizá-lo, como muitas vezes foi feito nas Ciências Agrícolas, é um erro sério que já gerou importantes consequências negativas." (SARANDÓN E FLORES, 2014, pp. 56-57)

A produção agroecológica nos assentamentos da Reforma Agrária tem um potencial simbólico e uma condição diferenciada dos estabelecimentos que produzem e comercializam orgânicos. Por trás de um simples rótulo que traz informações sobre a composição do alimento, há elementos sócio-culturais que evidenciam: (1) A origem e conformidade do alimento (orgânica e certificada, com selo de inspeção municipal); (2) A opção institucional e política da Coperjunho (cooperativa é composta por integrantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra – MST) e (3) Informações institucionais diversas (endereço físico e eletrônico, Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas – CNPJ, peso do produto, validade, lote de fabricação, Rede Ecovida de Agroecologia, dentre outras).

Figura 8: exemplo de rótulo de produto orgânico da Coperjunho.



Fonte: Coperjunho, digitalizado pelo autor.

É neste contexto que a Coperjunho, dos assentados organizados do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST), incorpora a Agroecologia aos seus princípios e se materializa a partir da adesão de um grupo de assentados à produção orgânica certificada.

Neste estilo de agricultura adotado na Coperjunho, o agricultor como sujeito no processo agroecológico reforça sua identidade como camponês. Ao mesmo tempo também está sujeito às tendências de mercado, e por estar submetido a ele, se vê em um cenário de crise que implica na descontinuação de vários produtos orgânicos e na evasão de produtores no sistema orgânico de viés agroecológico. Nesse contexto observado, com a dificuldade de sobreviver no mercado e pela falta de sustentabilidade

econômica dos empreendimentos, a produção orgânica da Coperjunho vai muito além da simples substituição de insumos.

...os estilos de agricultura alternativos que, apesar de serem chamados de forma a pressupor o uso de técnicas e/ou processos que parecem atender a certos requisitos ambientais ou sociais, não se aproximam necessariamente das orientações mais amplas que derivam dos princípios da Agroecologia. Um exemplo disso seria um agricultor orgânico ou ecológico que se limita à não utilização de produtos agroquímicos ou fertilizantes químicos em seu processo de produção para cumprir os requisitos de certificação, mas, por exemplo, não mantém a diversidade biológica ou cultural. Esta agricultura que consiste apenas em substituir insumos convencionais por insumos ecológicos ou orgânicos, muitas vezes para mercados de "elite" onde um prêmio é pago por produtos mais saudáveis, dificilmente contemplará todos os princípios derivados da Agroecologia (SARANDÓN E FLORES, 2014, p. 62).

A produção de alimentos orgânicos faz parte das atividades de trabalho da Coperjunho, juntamente com outros produtos e serviços (lácteos, panificados, eventos e homeopatia). Nesse contexto, são analisadas, mais adiante, as manifestações sígnicas nos produtos manufaturados da Coperjunho, que evidenciam o lema “alimentação saudável”.

Desta forma, a prática de agricultura na Coperjunho não envolve somente uma forma de produzir alimentos, mas também de “produzir valores e significados, dentro da dimensão simbólica” conforme é salientado por estes autores.

4.2 A EMERGÊNCIA DOS SIGNOS SOB A ÉGIDE DA AGRICULTURA ORGÂNICA

A realidade vivida pelos assentados da Coperjunho denota uma diversidade na busca de alternativas que atenta para os pressupostos da Agroecologia bem como às questões de mercado considerando as transformações em curso no espaço rural contemporâneo. Desta forma, os mercados passam a ser vistos mais do que simples mecanismos de transformação de valores de uso em valores de troca. São construções sociais cujo formato específico reflete a contínua interação entre os atores, seus projetos, estratégias e repertórios culturais (CONTERATO *et alii*, 2011), conforme registrado anteriormente nesta dissertação.

Neste quesito, uma característica marcante na forma de atuação estratégica da Coperjunho é a utilização dos circuitos curtos de produção e comercialização. As feiras são uma forma que os produtores encontraram para a comercialização dos produtos. Nesse sentido, alguns fundamentos apresentados por Darolt (2012, p. 88) explicam as estratégias de comercialização adotadas pela cooperativa. “Esses circuitos requerem proximidade geográfica, participação ativa do consumidor e, quando necessário, apenas um intermediário conhecedor do processo”. Conforme Chaffote e Chiffolleau (2007, apud Darolt, 2012), os circuitos curtos permitem melhor remuneração do produtor, preços justos ao consumidor, aproveitamento da produção local, assim como geração de empregos e dinamização da economia local. A venda direta permite a relação direta entre consumidor e produtor. Como bem afirma Darolt, “a feira é um espaço social, cultural e educativo que propicia o desenvolvimento de relações entre consumidores e produtores ecológicos. A feira traz diversidade, resgata valores, crenças e possibilita a troca de informações sobre alimentação, saúde e qualidade de vida.” (2012, p. 91).

A diversificação desses canais curtos de comercialização é uma característica relevante da Coperjunho. Por exemplo, a Feira Agroecológica de Laranjeiras do Sul tem uma importância estratégica não apenas para aferição de ganhos financeiros, mas também por ser um espaço de afirmação de uma identidade social, uma vez que alguns produtos comercializados levam a marca da cooperativa “Coperjunho – Alimentação Saudável”.

Outras formas de comercialização são adotadas pela cooperativa, como a realização de eventos gastronômicos, como o Café Colonial (Figura 9). Nesse caso são produtos comercializados diretamente na propriedade, constituindo como bem aponta

Darolt (2012) uma relação direta entre produtor e consumidor numa atividade que pode ser compreendida como evento gastronômico na categoria de “serviços na propriedade”.

Figura 9: Convite para o evento gastronômico “Café Colonial”, dentro da própria Coperjunho, distribuído na rede social Facebook.



COPERJUNHO
ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL

CAFÉ COLONIAL

SEXTA FEIRA
DIA 08 DE JULHO

ANTECIPADO: R\$ 15,00

No Tel: 42-8431 3921
E-mail: vendas@coperjunho.com.br
<https://www.facebook.com/coperjunho/>
www.coperjunho.com.br

NA HORA: R\$ 18,00

Venha saborear os mais de 50 tipos de produtos

Fonte: Coperjunho, digitalizado pelo próprio autor.

Alimento orgânico é a denominação mais percebida pelos consumidores no país, tendência que foi absorvida e concretizada na produção orgânica na Coperjunho devido a sua força signica. Dados da Coordenação de Agroecologia (Coagre), da Secretaria de Desenvolvimento Agropecuário e Cooperativismo (SDC), vinculada ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), revelam que a área de produção orgânica no país (registrada em 2016) pode ultrapassar os 750 mil hectares, impulsionada principalmente pela agricultura familiar. Segundo a Coagre, houve um salto de 6.700 mil unidades em 2013 para aproximadamente 15.700 unidades no ano de 2016. Ou seja, em apenas três anos, foi registrado mais do que o dobro deste tipo de produção em solo brasileiro (SEAD/Casa Civil, 2017).

Nos assentamentos do Programa Nacional de Reforma Agrária (PNRA), dados de agosto e setembro de 2016, mostram que a região Sul responde pela maior concentração de produtores orgânicos (cadastrados no Mapa e os beneficiários do PNRA) em números absolutos (33% do total dos produtores brasileiros). O Paraná, segundo a superintendência regional do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra), apresenta 153 produtores orgânicos cadastrados no Cadastro Nacional

de Produtores Orgânicos¹³ (CNPO), embora com um percentual pequeno comparado ao universo total de assentados no país (menos que 1%). Igualmente em termos gerais, os produtores orgânicos cadastrados representam uma pequena fração (em torno à 0,2%) do total de famílias beneficiadas pela reforma agrária no país. Mesmo assim, o Paraná é o estado com maior número de assentamentos com pelo menos um beneficiário do PNRA cadastrado no CNPO. São 36 assentamentos, em um total de 329, ou seja, cerca de 11% do total de assentamentos no Estado (ARAÚJO, GUIMARÃES e TABOAS, 2017), entre os quais está inserido o Projeto de Assentamento (PA) Oito de Junho.

A produção orgânica no Brasil começa a ganhar força a partir dos anos 80 e tem um forte impulso a partir de 1990 com o crescimento do número de feiras e dos espaços no varejo supermercadista para oferta de alimentos considerados mais saudáveis, e vem sendo fortalecida com os avanços quanto às normas (legislação) de proteção ao consumidor. De acordo com o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), conforme a legislação brasileira, o consumidor reconhece o produto orgânico através do selo brasileiro ou pela declaração de cadastro do produtor orgânico familiar. Todo produto orgânico vendido em lojas e mercados necessita apresentar o selo em seu rótulo. A cultura e comercialização dos produtos orgânicos no Brasil foram materializadas pela Lei 10.831, de 23 de dezembro de 2003 e a regulamentação ocorreu em 27 de dezembro de 2007 com a publicação do Decreto N° 6.323 (MAPA, 2017).

De acordo como Medaets e Fonseca (2005), os orgânicos, como forma diferenciada de produzir alimentos mais saudáveis, pode fortalecer a agricultura familiar, em especial nos assentamentos da Reforma Agrária.

Considerando-se os aspectos de comercialização, conseguir diferenciar um produto e apresentá-lo apropriadamente aos consumidores costuma significar a possibilidade de ocupar um mercado estável – devido às utilidades particulares adicionadas ao produto – e obter um diferencial positivo de preço. Esse processo de diferenciação de produtos também pode ser benéfico para o meio ambiente a partir da valorização de sistemas produtivos mais sustentáveis. Esse diferenciação pode resultar no fortalecimento de segmentos específicos como a agricultura familiar (MEDAETS e FONSECA, 2005, p. 10).

A ressignificação da agricultura pela adoção de critérios mais sustentáveis de produção passa também pela percepção mais apurada do real significado da alimentação pelos consumidores, bem como valorização de aspectos de regionalidade e de

¹³ O CNPO, de acordo com Araújo, Guimarães e Taboas (2017), “tem sido utilizado como referência para validar compras públicas de produtos orgânicos – ou seja, tem se configurado como importante ferramenta para a negociação no âmbito dos mercados institucionais”.

sazonalidade na escolha dos alimentos, Um contraponto ao que vem sendo observado nos padrões insustentáveis de consumo (*fast-food*, alimentos industrializados, etc.): sua descaracterização, seu desprovemento de sabor e de qualquer sentido de identidade: - “Enche o estômago, mas a alma percebe o seu vazio”, como bem observa Khatounian (2001). Essa ressignificação pode ser explicada mediante a abordagem sobre as manifestações signicas na Agroecologia no âmbito da Coperjunho, conforme será detalhado a seguir.

A Cooperativa Oito e Junho é concebida institucionalmente sob o signo “Alimentação Saudável” e, nesse contexto, encontra interfaces e conexões com diversos processos comunicativos que serão aqui apresentados. A abordagem da Comunicação, com o estudo dos signos na Agroecologia, acontece em sinergia com os processos educativos da extensão rural (CAPORAL E COSTABEBER, 2009), uma vez que, dentro da perspectiva agroecológica da Cooperativa, a certificação da produção orgânica acontece de forma participativa.

Na prática da Coperjunho, observa-se os preceitos da Reforma Agrária popular, bem definidos por Stédile (1999), como “movimento em que todo mundo pode entrar”, seja qualquer integrante da família, sendo homem, mulher, idoso ou jovem, ou ainda, militantes urbanos, religiosos, ou ainda, “mão grossa” ou “mão lisa”, quando explica a origem de quem trabalhava ou não na roça, mas se engajava no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra. Afinal, na forma observada da produção orgânica da Coperjunho, há a aquisição de elementos comunicativos importantes, com a organização produtiva lastreada em signos que traduzem um modo distinto de produção (com alimentação mais saudável), estes necessários para um reconhecimento pelo consumidor urbano. Ao mesmo tempo, com produtos mais sustentáveis (orgânicos) destinados às pessoas da cidade que buscam, de alguma forma, a saúde no momento em que consomem alimentos. O conceito de “popular” nesse processo, envolve a participação de pessoas do campo (que produzem os alimentos) e da cidade (que codificam, de alguma forma, os graus de sustentabilidade). Nesse movimento de consumo, campo e cidade se cruzam por meio de elementos simbólicos.

Desta forma, é possível inferir que no âmbito da Coperjunho a comunicação e os fundamentos da “agricultura sustentável” tem caminhado juntas. A partir do momento em que o assentado se identifica com a perspectiva agroecológica por meio de um processo educativo adquire o sentido de pertencimento a alguma coisa que dá sentido à sua vida como camponês e, ao mesmo tempo, percebe uma forma de trabalho e renda. A

demonstração desse sentido é materializada por meio de signos específicos como forma de distinção simbólica.

Na Coperjunho a identificação da produção orgânica se dá por meio de rótulos. Nesse contexto da produção orgânica há relevantes elementos sógnicos a serem analisados e compreendidos. De imediato, percebe-se o signo “Alimentação Saudável” em sua logomarca uma vez que os produtos orgânicos possuem uma distinção visual própria, conforme figura 10.

Figura 10: logomarca da Coperjunho.



Fonte: Coperjunho, digitalizado pelo próprio autor.

Os rótulos além de elementos simbólicos intangíveis, significam a face visível, material e perceptível da produção orgânica da Cooperativa e evidenciam a importância da dimensão econômica do processo e a institucionalização do sistema produtivo por meio da organização da produção orgânica certificada e dos diversos sinais que evidenciam a natureza dos produtos. Dessa forma, percebe-se a importância sógnica da marca Coperjunho no coletivo de assentados da Reforma Agrária, demonstrando que muito além do slogan “Alimentação Saudável” os rótulos podem denotar um universo bastante peculiar e complexo de organização social (elementos intangíveis). São sistemas sógnicos e organizativos complexos que revelam diversos elementos, tais como a logomarca do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), selos de certificação orgânica, além do sistema de certificação participativa¹⁴ por meio da Rede Ecovida de Agroecologia.

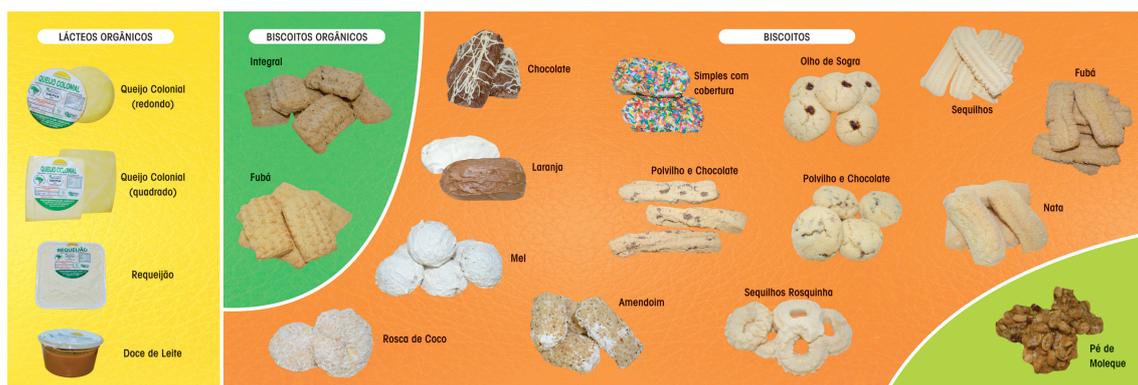
Os produtos feitos na Coperjunho têm certificação orgânica através do selo “Orgânico Brasil”, em um processo participativo realizado por meio da Rede Ecovida.

¹⁴ Conforme Santos (2003), a certificação participativa envolve mecanismos de espaço-abrangência, públicos de trabalho, mecanismos de controle e fases definidas de implantação (formação, informação e compromisso, auto-fiscalização e auto-regulação, responsabilidade mútua e “olhar externo”, e aplicação legal).

Para tanto, foi feito um trabalho de conscientização junto aos assentados do PA's Oito de Junho. O processo participativo de certificação da produção orgânica é realizado pela Rede Ecovida de Agroecologia que, de acordo com Radomsky (2009, p. 136), consiste em uma forma de avaliação da conformidade que não depende de organizações externas, resultando num modelo de verificação alicerçado no controle social. Nesse sentido, a Rede Ecovida de Agroecologia o organismo de avaliação da conformidade orgânica do tipo participativa, onde a certificação de produtos orgânicos é feita de forma solidária, embasado no controle social. Esses são os sujeitos principais, fazendo com que haja uma valorização dos agricultores, além de uma maior aproximação com outros agricultores, e também com os consumidores (VAZ e CHRISTOFFOLI, 2013).

A produção orgânica da Coperjunho é aplicada em produtos lácteos e panificados, orgânicos e convencionais, conforme figura abaixo que mostra com detalhes dos diversos signos presentes nos rótulos.

Figuras 11, 12, 13, 14, 15 e 16: produtos da Coperjunho e detalhes dos rótulos.





Fonte: Coperjunho, digitalizados pelo próprio autor.

Conforme destacado anteriormente, muito embora os rótulos constituam a face visível do processo organizativo dos assentados na perspectiva agroecológica por meio da produção orgânica, de modo isolado não conseguem revelar as interações entre as distintas dimensões da realidade. Nem identificar os limites a serem superados de modo a fortalecer a Cooperativa no que se refere a aspectos produtivos, econômicos, socioambientais, culturais, etc.

Os produtos orgânicos enquanto denominação formal, derivam do que se convencionou na Lei nº 10.831. O selo orgânico, no sistema participativo, é uma representação legal compulsória nesse processo. Já a logomarca da Rede de Agroecologia Ecovida está inserida no processo como a identidade do grupo de produtores em questão, na Coperjunho.

São signos voltados ao consumidor na expectativa de que sejam indicadores da organização social da Coperjunho quanto aos valores contidos nos produtos ofertados. Para uma compreensão do todo e não apenas de uma parte deste processo, se faz necessária uma análise das percepções dos agricultores sobre estas questões.

4.3 ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL À LUZ DA SEMIÓTICA PEIRCEANA: A PERCEPÇÃO E PERSPECTIVAS DOS AGRICULTORES ASSENTADOS

Nas entrevistas gravadas, analisou-se o mundo de vida e de trabalho dos assentados vinculados à Coperjunho. Nesse mundo de vida e de trabalho enquanto elementos indissociáveis, uma vez que o local de moradia é o mesmo do trabalho, são apresentadas as articulações familiares em torno das instituições, por meio de signos. Nesse caso, tem-se a Coperjunho como um complexo de integração de papéis institucionalizados em um sistema social, à luz da Semiótica de Peirce.

Nas entrevistas, buscou-se questionar o papel das pessoas vinculadas à Coperjunho no contexto da produção orgânica com viés agroecológico. Instados à reflexão, os assentados apresentam suas percepções, ideais, utopias e sentimentos.

Estamos convencidos de que qualquer esforço de educação popular, esteja ou não associado a uma capacitação profissional, seja no campo agrícola ou no industrial urbano, deve ter, pelas razões até agora analisadas, um objetivo fundamental: através da problematização do homem-mundo ou do homem em suas relações com o mundo e com os homens, possibilitar que estes aprofundem sua tomada de consciência da realidade na qual e com a qual estão (FREIRE, 2014, p.39)

Retomando ao conceito da práxis, o trabalhador rural assentado consciente – torna-se sujeito da sua própria história, uma vez que a opção pela produção agroecológica é uma decisão consciente. O lugar no mundo, o sentido da existência enquanto produtor rural diferenciado, com uma cultivar orgânico de viés agroecológico, agora é materializado como um dia Freire imaginou o homem no campo.

Começamos por afirmar que somente o homem, como um ser que trabalha, que tem um pensamento-linguagem, que atua e é capaz de refletir sobre si mesmo e sobre a própria atividade, que dele se separa, somente ele, ao alcançar tais níveis, se fez um ser da práxis. Somente ele vem sendo um ser de relações num mundo de relações. Sua presença num tal mundo, presença que é um estar com, compreende um permanente defrontar-se com ele. [...] É homem porque está sendo no mundo e com o mundo. Esse estar sendo, que envolve sua relação permanente com o mundo, envolve também sua ação sobre ele. Esta ação sobre o mundo, que, sendo mundo do homem, não é apenas natureza porque é cultura e história, se acha submetida aos condicionamentos de seus próprios resultados.” (FREIRE, 2014, pp. 45-46)

A partir deste momento, os resultados, por meio de expressões verbais nas respostas dos questionamentos do pesquisador começam a ganhar corpo. E a abordagem inicial, nesta dissertação, tem início no signo principal da Coperjunho. Na logomarca da

cooperativa, o lema “Alimentação Saudável”, conforme figura 17, dá inúmeras possibilidades de cognição, fazendo com que desempenhe a função de Objeto Dinâmico, em uma análise semiótica peirceana.

Figura 17: logomarca da Coperjunho.



Fonte: Coperjunho, digitalizado pelo próprio autor.

Na entrevista com o dirigente da Cooperativa, o processo de elaboração da marca e do lema, foi explicado que houve uma sensibilização entre os integrantes da Coperjunho, conforme segue.

Nós temos aqui na região desde 2009, uma parceria com o grupo Mondragón, do País Basco. Em 2012 teve um técnico deles que trabalhou e acompanhou nós por um ano e meio e começou, e levantou o que é uma alimentação saudável, a que público está direcionado e eles chegaram à conclusão assim 'vocês fazem isso e não estão usando isso. Vocês têm uma alimentação saudável, não estão usando conservantes, mas vocês não estão usando isso'. (trecho de entrevista com dirigente da Coperjunho) - sublinhado nosso.

Neste processo de investigação sobre como se dá a produção de signos no contexto da produção orgânica com viés agroecológico na Coperjunho, ficou evidente que a opção pela produção de alimentos saudáveis e a concretização dessa opção no lema da Cooperativa é resultante de uma organização interna.

A produção nossa é assim. O produtor, mesmo que não produza o orgânico, por exemplo, mas o cara tem a sua horta e os alimentos. Então, em geral, as famílias primam pela qualidade da alimentação dentro da cooperativa. Então ele falou, "o lema tem que ser 'alimentação saudável', vocês primam por isso dentro da cooperativa". E aí surgiu a ideia então (trecho de entrevista com dirigente da Coperjunho) – sublinhado nosso.

A construção de uma identidade social por meio da a marca da Cooperativa (“Coperjunho – Alimentação Saudável”) pressupõe a necessidade de analisar a percepção dos próprios objetos dinâmicos pelos integrantes da Cooperativa, que apresentam variações, desde uma utopia até uma simples visão instrumental, passando também pela expressão da condição camponesa de subsistência. Para se proceder a essa análise, os cooperados que participaram das entrevistas foram confrontados com a logomarca da Coperjunho conforme quadro 1 abaixo, a partir do questionamento “Quando você vê essa marca, o que ela significa?”

Quadro 1: respostas ao questionamento “Quando você vê essa marca, o que ela significa?”

<i>Participante</i>	<i>Resposta</i>
<i>Dirigente</i>	<i>“A sempre teve esse sonho de ter algo coletivo, algo próprio, externo. (...) Coper, de cooperativa, e junho, do assentamento Oito de Junho, ficou muito caracterizado como do assentamento Oito de Junho. Essa questão do Sol, a gente sempre, é uma questão de transformação social (...) para a agricultura o Sol é a origem de tudo.”</i>
<i>Produtora certificada 1</i>	<i>“A gente ajudou a fazer essa imagem, da gente trabalhar junto, de mostrar para a sociedade que a Reforma Agrária dá certo, se não tivesse o assentamento a gente não estaria produzindo orgânicos.”</i>
<i>Produtor em processo de certificação 1</i>	<i>“É uma ferramenta que divulga o trabalho que a gente vai fazendo. Em Laranjeiras, quando as pessoas veem a marca, já sabem das famílias que produzem agroecologicamente. Ela é uma identidade daquilo que nós estamos vendendo.”</i>
<i>Produtor certificado 2</i>	<i>“...isso é o que dá mais força pra nós. Sobre a “Alimentação Saudável” que está ali é mais uma coisa para você refletir. A gente está cercado de veneno. A gente tem que ter uma marca pra vender e esse símbolo traz tudo para a Agroecologia.”</i>
<i>Produtor certificado 3</i>	<i>“Uma organização que vem melhorar a qualidade de vida do produtor.”</i>

Fonte: elaborado pelo próprio autor.

Nas respostas do Quadro 1, observa-se a opção das famílias associadas à Coperjunho pela forma de produção distinta, de natureza orgânica e com viés agroecológico, denotando a condição diferenciada da forma de produção de alimentos na qual estão inseridas. Há um movimento no sentido de demonstrar essa condição diferenciada, que se concretiza na prática agroecológica e se traduz na forma de produtos orgânicos. Embora as manifestações indiquem a consolidação da imagem da Coperjunho como um símbolo de alimentação saudável, ainda não é possível definir se a preocupação dos cooperados é com o consumidor ou apenas com a organização interna da produção.

A mesma pergunta foi feita, porém com outra imagem, a do Selo de Produto Orgânico, com certificação participativa, presente nos rótulos dos produtos orgânicos produzidos na Coperjunho, conforme figura 18.

Figura 18: Selo de conformidade da produção orgânica no sistema participativo.



Fonte: Coperjunho, digitalizado pelo próprio autor.

Nesse sentido, as respostas têm um padrão mais definido, com um objeto dinâmico mais uniforme, com foco no processo de consumo, conforme o quadro 2.

Quadro 2: respostas ao questionamento sobre a percepção do selo de conformidade da produção orgânica no sistema participativo.

<i>Participante</i>	<i>Resposta</i>
<i>Dirigente</i>	<i>“Como dirigente de cooperativa, vejo ela como um símbolo nacional, que o produto tem uma certa rastreabilidade, tem uma certificação por trás disso, nesse caso é o [sistema] participativo. Tem um sistema de grupo, toda uma lógica. <u>Como consumidor, a gente tem na cabeça que quando vê esse símbolo, ele vai ser mais caro.</u>”</i>
<i>Produtora certificada 1</i>	<i>“Uma combinação com a natureza, sobre o que eu faço e <u>mostra a comprovação que a gente é certificado.</u>”</i>
<i>Produtor em processo de certificação 1</i>	<i>“Eu vejo as <u>famílias organizadas em um sistema</u>, que você não pode sair fora das regras de produção.”</i>
<i>Produtor certificado 2</i>	<i>“Eu vejo a certificação participativa, em um produto certificado, que <u>traz uma garantia que aquele produto está apto para consumo e que não corre risco para o consumidor.</u>”</i>
<i>Produtor certificado 3</i>	<i>“Produção de <u>qualidade.</u>”</i>

Fonte: elaborado pelo próprio autor.

Quando confrontados sobre como compreendiam a Agroecologia e Agricultura Orgânica, enquanto signos, e se havia alguma diferenciação entre elas, os participantes da pesquisa não conseguem fazer uma distinção clara dos objetos dinâmicos representados por eles, conforme quadro 3.

Quadro 3: respostas sobre a compreensão sobre o que é Agroecologia e Agricultura Orgânica.

	Agroecologia	Agricultura Orgânica
Produtores Certificados	<p>“Cuidar da terra, para ter alimento saudável para as famílias e a sociedade em geral e cuidar do meio ambiente” – P1</p> <p>“É vida nova. A gente sai da vida com veneno para uma vida nova, com produto de qualidade” – P2</p> <p>“É qualidade de vida, não só do ser humano, mas de todos os seres na Terra, é um conjunto de obras que vem gerar qualidade de vida” – P3</p>	<p>“É a alimentação sem agrotóxicos, químicos que trazem problemas.”- P1</p> <p>“Uma nova maneira de se viver. [...] é mais para você ter a sua vida digna e levar produtos de qualidade para as pessoas.” – P2</p> <p>“Na agricultura orgânica você pode destinar uma parte pra produzir só orgânico ali, sem agrotóxico.” – P3</p>
Produtores em Certificação	<p>“Agricultura é o resgate que vem de dentro dos agricultores, é ter que voltar ao que a gente fazia muito tempo atrás” – P1</p> <p>“Agroecologia não é um mito, um apelo, por produtos saudáveis, é também uma fonte de renda, e com ela é possível se tirar renda, produzir” – P2</p>	<p>“O orgânico é você produzir em um curto espaço o agroecológico e você tem que buscar de fora o insumo” – P1</p> <p>“Representa uma afirmação do que é possível, de pensar um modelo diferente que está aí. Modelo sustentável do ponto de vista ambiental, social e econômico. [,,] Se seguir o modelo de uma produção diferenciada, como a produção orgânica, aí tem possibilidade de ter uma renda diferente” – P2</p>
Produtores Convencionais	<p>“Agroecologia tem que ser autossuficiente, tem que permitir a autossustentação da família, ou seja, que a família</p>	<p>“Ela está entre o convencional e a Agroecologia. Eu não vejo muita diferença do orgânico para a Agroecologia.”- P1</p>

	<p><i>sobreviva da Agroecologia” – P1</i></p> <p><i>“É você estar em contato com o meio ambiente, com a natureza, você conseguir produzir sem veneno, sem agrotóxico, e produzir tudo natural” – P2</i></p>	<p><i>“É conseguir trabalhar com a natureza.” - P2</i></p>
--	---	--

Fonte: elaborado pelo próprio autor.

Conforme o quadro 3, no grupo de produtores certificados, as percepções sobre Agroecologia (AE) e Agricultura Orgânica (AO) se aproximam quando aparece o termo “qualidade”, normalmente voltado à noção do concreto, justamente quando se fala de algo mais abstrato, que é a Agroecologia. Apesar disso, há coerência quando aparece a ideia do cuidado com a terra e com o meio ambiente, como benefício aos consumidores, relacionada à Agroecologia. Uma visão instrumental, de uma agricultura sem agrotóxicos, é percebida como Agricultura Orgânica. Assim, de alguma forma, nesse grupo, há uma distinção mais clara de AE e AO. Contudo, o termo Agricultura Orgânica também seja percebido de forma mais abstrata, como “uma nova maneira de viver”, indicando um certo grau de imprecisão nas respostas do grupo de produtores certificados.

Nas respostas dos produtores em processo de certificação, a imprecisão entre conceitos abstratos em objetos concretos fica um pouco mais evidente. Essa imprecisão aparece quando se trata a Agroecologia como “fonte de renda”, e a Agricultura Orgânica como “modelo sustentável do ponto de vista ambiental, social e econômico”. Ao fazer a negação dos conceitos de “mito” e “apelo” na Agroecologia, e apresentá-la como “fonte de renda”, percebe-se a preocupação em apresentar a Agroecologia como algo viável do ponto de vista meramente econômico. Ao denominar a Agricultura Orgânica como “modelo diferente que está aí”, quando poderia ser justamente esse o papel da Agroecologia, é mais uma demonstração da imprecisão na percepção dos dois termos (AE e AO).

No grupo dos produtores convencionais, a noção de se trabalhar com a natureza está presente tanto na AE quanto na AO, e assim, ficam mantidas as imprecisões. Para esse grupo, a prática agroecológica depende de uma variável mais concreta (viabilidade econômica, com a sustentação da família) e a produção orgânica é vista como um meio-termo entre a produção agroecológica e a convencional. Nesse sentido, permanece uma falta de coerência nas respostas, já que o P1 deste grupo demonstra que, dependendo do retorno financeiro, poderia voltar à produzir de forma agroecológica e o P2 compreende que trabalhar com a natureza é algo próprio da AO.

Neste percurso teórico de pesquisa, a interpretação dos dados obtidos por meio das entrevistas passa a seguir a representação esquemática apresentada na sequência, com a Abordagem Poliocular à Dinâmica e Governança da Agricultura Orgânica, uma vez que as respostas e discursos adquirem diferentes perspectivas, mais reconhecíveis pelo pesquisador.

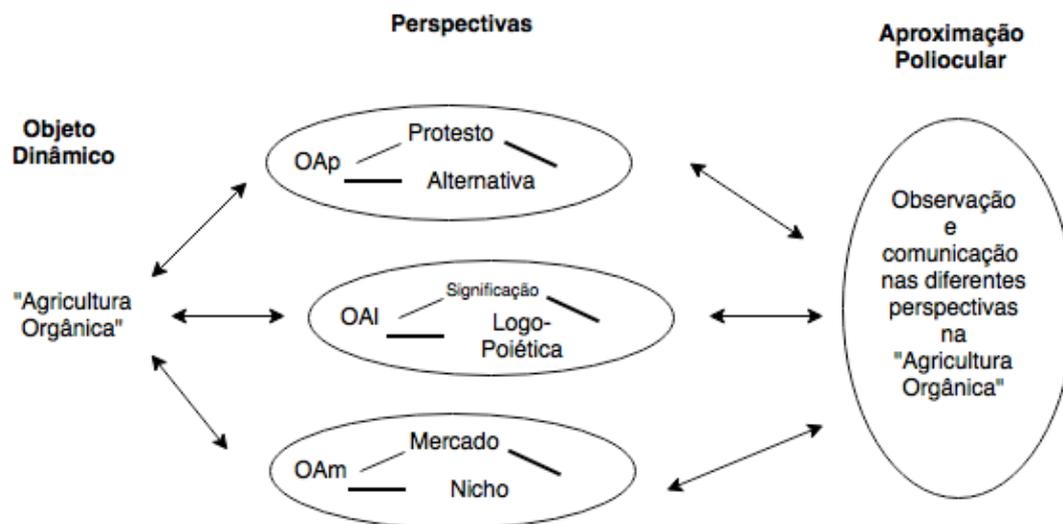
Entende-se que o contexto de produção agroecológica, com vistas à produção orgânica, tem um papel regulador do comportamento dos assentados, com padrões definidos, contínuos e organizados. Nesse sentido, Santaella (2001), aponta para uma análise de campo de modo como as mensagens são produzidas em um determinado contexto.

Para pesquisar sobre essas questões relativas ao modo de produção das mensagens, é necessário levar em consideração o desenvolvimento das forças produtivas sociais, pois é de sua historicidade que advêm os suportes, canais, meios físicos e tecnológicos para a produção das mensagens. As linguagens, sejam elas quais forem, são materialmente produzidas de acordo com suportes, instrumentos, meios e técnicas que são tão históricas quanto as próprias linguagens e as instituições que as abrigam. (BENJAMIN, 1972 apud SANTAELLA, 2000, p. 159: *in*: SANTAELLA, 2001, p. 87)

Este percurso teórico-analítico considerou as práticas agroecológicas da Coperjunho em três perspectivas: a de protesto (uma alternativa e oposição à agricultura convencional), a logo-poiética¹⁵ (que dá um certo significado orgânico) e a de mercado (apresentado como uma atividade econômica de nicho) ALRØE E NOE (2008), conforme figura 19.

¹⁵ A perspectiva logo-poiética foi desenvolvida por Alrøe e Noe (2008) a partir das experiências em empreendimentos agrícolas heterogêneos. Elaborada como significado de "logotipo", os autores basearam-se no conceito de logoterapia de Victor Frankel, a qual "Logos" deriva de palavra grega "significado". Assim, logoterapia, para os autores, baseia-se na compreensão da existência humana como a "vontade de significar". O significado de "Poiesis" é emprestado da teoria da autopoiese que lida com auto-criação, auto-produção e auto-organização dos organismos vivos, não como um meio ou propósito para outros organismos, mas como uma realização da potencialidade. "Esse marco logo-poiético implica a compreensão de uma organização heterogênea que se cria em um processo contínuo de produção e reprodução de seus próprios elementos e organização, nunca como um mero produto do seu entorno". **A teoria** logo-poiética é uma teoria da organização que vê a significação como um princípio auto-organizativo, algo que pretendemos demonstrar a partir das práticas agroecológicas na Coperjunho.

Figura 19: esquema de Abordagem Poliocular à Dinâmica e Governança da Agricultura Orgânica, mostrando um segundo ordenamento do processo de comunicação e observação poliocular nas três perspectivas no objeto dinâmico da “agricultura orgânica”.



Fonte: Alrøe e Noe (2008), traduzido pelo próprio autor.

Neste subcapítulo 4.3 são analisadas as características do contexto produtivo no Projeto de Assentamento (PA) Oito de Junho por meio de pesquisa qualitativa, de natureza exploratória, uma vez que foram elaboradas perguntas relevantes sobre a percepção dos agricultores sobre Agroecologia e Agricultura Orgânica a partir das três perspectivas de Objeto Dinâmico (protesto, significação/logo-poiética e mercado).

Essas perspectivas nortearam as pesquisas de campo, cujas respostas são analisadas nesse capítulo. A percepção da Agroecologia pelos produtores orgânicos foi aferida por meio de respostas aos questionários qualitativos aplicados em três grupos distintos de agricultores: os certificados em produção orgânica, os que se encontram em processo de transição para a produção orgânica, e também aqueles que desistiram de produzir de forma orgânica.

Assim sendo, os resultados das entrevistas são aqui interpretados com um viés semiótico-perspectivista na articulação entre os processos produtivos e os processos institucionais. Nesse sentido, de forma complementar ao arcabouço teórico proposto pelos pesquisadores da Universidade de Aarhus, foram aplicados os conceitos da semiótica das instituições proposto por Santaella. O objetivo dessa ação foi analisar semioticamente não apenas a percepção da produção orgânica de base agroecológica pelos assentados, mas também como a instituição Coperjunho atua como uma organização com valores agroecológicos.

Para facilitar o entendimento, o quadro 4 sintetiza as respostas sobre o questionamento, em um cruzamento com as três diferentes perspectivas (protesto, significação/logo-poiética e mercado). *“O que é mais importante? Produzir orgânicos como contraponto à agricultura convencional, como distinção de modelo de agricultura orgânica ou simplesmente, atender às tendências de mercado?”*

Quadro 4: respostas sobre o questionamento “O que é mais importante? Produzir orgânicos como contraponto à agricultura convencional, como distinção de modelo de agricultura orgânica ou simplesmente, atender às tendências de mercado?”

<i>Perspectivas/Grupos</i>	Grupo 1 (Certificados)	Grupo 2 (Em transição para orgânicos)	Grupo 3 (Convencional - Ex- produtores orgânicos)
Protesto/Alternativa		<p>P1. “Como movimento, <u>temos que mostrar que produzimos algo diferente para a sociedade, a gente tem vontade mesmo é de se identificar como um modelo de agricultura mais saudável.</u>”</p> <p>P2. “<u>Temos a missão, enquanto assentados, de produzir alimentos. Temos obrigação de produzir alimentos saudáveis. O produtor agroecológico tem esse papel.</u>”</p>	<p>P2. “Na época que eu produzia, eu produzia <u>para mostrar para o povo que dava pra mudar também. Meu lote mudou de um dia para outro, ficou parecendo uma floresta...</u>”</p>
Significação/Logo- poiética	<p>P1. “<u>Me sinto mais realizado como produtor orgânico.</u> Por problema de saúde, a gente mudou e gostei de produzir desse jeito. Hoje se for pra voltar pro convencional, eu não tinha coragem.”</p> <p>“Uma nova maneira</p>	<p>P2. “[Agricultura Orgânica] ...<u>representa uma afirmação do que é possível, de pensar um modelo diferente que está aí.</u>”</p>	

	<p><i>de se viver. Quem quiser produzir em grande quantidade não pode ir pra Agroecologia, é mais para <u>você ter a sua vida digna e levar produtos de qualidade para as pessoas.</u></i></p> <p><i>P2. “<u>Reforçar a nossa identidade, pra reforçar nossa imagem para todos.</u>”</i></p> <p><i>P3. “<u>Seria a gente seguir esse caminho, que a gente produz organicamente, entre os próprios assentados daqui.</u>”</i></p>		
Mercado/Nicho			<p><i>P1. “<u>Hoje, pra produzir na agroecologia e no orgânico, é pra mostrar pro mercado que o produto que tem qualidade é esse que eu estou produzindo.</u>”</i></p> <p><i>P2. “<u>..só que por não dar muito retorno no mercado na época, eu não consegui.</u>”</i></p>

Fonte: elaborado pelo próprio autor.

A correlação das respostas com as respectivas perspectivas demonstram uma prevalência da dimensão de significação/logo-poiética no grupo de produtores certificados, já consolidados na produção orgânica. Tal prevalência justifica-se pelo grau de envolvimento e experiência na produção orgânica certificada. Esses produtores

aparecem como um exemplo a ser seguido pelos demais, daí a necessidade de auto-afirmação por meio da satisfação pessoal em estar produzindo orgânico de forma agroecológica (“Me sinto mais realizado como produtor orgânico”) e de manifestar essa satisfação. A organização como marca identitária, própria da dimensão logo-poiética, também é manifestada no discurso que trata de reforçar a condição vivida (“Reforçar nossa identidade”).

Na dimensão de protesto/alternativa, as respostas nesse sentido foram mais presentes no grupo que justamente está na transição para a produção orgânica, como um movimento mais contundente de mudança. O uso dos termos “temos que” e “temos a” já indica, de pronto, essa direção mais acentuada no sentido de promover uma alteração no estado das coisas, tomando para si (no caso, os produtores em transição) a responsabilidade pela mudança (“O produtor agroecológico tem esse papel [de produzir alimentos saudáveis]”). Tal movimento é visto, inclusive, como “missão”, em consonância com o caráter mais assertivo desta dimensão.

Já no grupo de ex-produtores, a percepção da produção orgânica é tanto de protesto/alternativa, quanto mercadológica e de nicho, eliminando a dimensão de significação/logo-poiética, uma vez que não produzem mais de forma orgânica. Quando há o reconhecimento da forma distinta de produção (“eu produzia para mostrar para o povo”), admite-se a influência da dimensão de protesto/alternativa, embora fosse um retrato de um momento que não existe mais. O caráter mercadológico presente no discurso de integrante deste grupo (“é pra mostrar pro mercado”, ou ainda, “por não dar muito retorno no mercado”) reforça a imagem de que a Agricultura Orgânica é vista mais como um nicho de mercado, com fins somente à sustentabilidade econômica e financeira familiar, do que uma forma alternativa de produção que alia a satisfação pessoal com a sustentabilidade ambiental na produção agrícola.

4.4 ORGÂNICO COMO VALOR ESTÉTICO

Considerando que o ato de produzir um produto orgânico pode ser uma experiência estética, uma vez que esse produto deve ser reconhecível (por meio da embalagem) e reconhecido (por decisão do produtor), GUMBRECHT (2006, p. 59) propõe que, ao falar sobre "experiência estética", ela não está à nossa disposição nas situações cotidianas (2006), como, por exemplo, no ato de visualizar o rótulo de um alimento orgânico, e de decidir pela produção dele por uma série de razões (a busca por uma alimentação mais saudável ou de produto com qualidade superior aos convencionais não-orgânicos).

Nessa condição de distinção no momento de produção (a negação do produto convencional e a opção pelo produto orgânico), Gumbrecht (2006) começa a trazer elementos que reforçam essa distinção.

...aquilo que chamamos de 'belo' ou 'sublime' se refere a sentimentos os quais almejamos (pense-se em "harmonia" ou "graça") e que, conseqüentemente, apreciamos a qualquer momento no qual possamos desfrutá-los na excepcionalidade da experiência estética." (GUMBRECHT, 2006, p. 51)

A excepcionalidade que está presente no momento da opção pelo produção de um alimento orgânico, por mais que seja uma experiência, como afirma Gumbrecht (2006), cotidianamente "normal". A decisão por uma alimentação mais saudável por meio do consumo de produtos orgânicos, e de, inclusive, pagar um preço superior ao da alimentação convencional, faz parte do que Gumbrecht denomina "moldes situacionais" (2006, p. 51). A partir de um momento em que o produtor faz a distinção do produto convencional pelo orgânico, há uma interrupção de uma situação cotidiana, e os objetos de consumo – os alimentos orgânicos – assumem uma função específica, promovendo uma mudança no quadro situacional.

Quando questionado sobre o que entendia como alimentação saudável, o dirigente da Coperjunho enfatizou o foco no consumo dos produtos, evidenciando os valores de distinção e excepcionalidade.

Não adianta ser mais um produtor igual a qualquer outra empresa que não vai ter espaço no mercado, não vai ter espaço em lugar nenhum. E ao mesmo tempo a gente percebe que na população, na sociedade, existe um grupo grande de pessoas que está se aumentando com a preocupação com a alimentação. Até uns dez anos atrás, o bonito era uma comida industrial. [...] O bom é verdade, é comer o que tem menos conservante, ou seja, o produto com a validade de cinco dias é melhor que o mesmo pão que tem validade de vinte dias (trecho de entrevista com dirigente da Coperjunho) – sublinhado nosso.

Os elementos de excepcionalidade também podem ser percebidos no quadro 5, quando foram feitos os seguintes questionamentos sobre a maneira os produtores acreditaram que as suas práticas são, ou de certa forma, foram agroecológicas e as razões pelas quais se optou por uma excepcionalidade materializada pela Agroecologia?

Quadro 5: respostas sobre os questionamentos “a maneira os produtores acreditaram que as suas práticas são, ou de certa forma, foram agroecológicas e as razões pelas quais se optou por uma excepcionalidade materializada pela Agroecologia?”

<p>Grupo 1 (Certificados) – perspectiva de significação/ logo-poiética</p>	<p>Grupo 2 (Em transição para orgânicos) – perspectiva de nicho/mercado</p>	<p>Grupo 3 (Convencional - Ex-produtores orgânicos) – perspectiva de protesto/alternativa, porém com viés pessimista</p>
<p>P.1 “Venho de uma família de agricultores e na época <u>a gente não usava veneno</u>. Na horta, eu me lembro, a gente nunca usava”.</p> <p>P.2 “No sistema que <u>a gente estava [convencional] não tinha qualidade de vida, na saúde, família. A gente optou por melhorar a qualidade de vida primeiro da família. A gente trabalha pela orientação que a gente tem. Resgatamos um pouco daquilo que se fazia antigamente. Sou agroecológico porque a gente preserva. Preservando os todos que pertencem a esse lote, pra gente, já é um passo pra Agroecologia”.</u></p>	<p>P.1 “Produzir de forma agroecológica <u>permite que você tenha uma renda que dê para sobrar mais alguma coisa para gastar”.</u></p> <p>P. 2 “Há muita contrapropaganda que é o mercado que está aí para vender insumos, para vender facilidades, e <u>de levar você a nem discutir qual é a outra alternativa”.</u></p>	<p>P.1 Na década de 80 e 90, antes da Revolução Verde, <u>a gente já trabalhava da forma agroecológica e orgânica, existia muito pouco veneno, e gente vai trazendo aquilo lá desde o tempo dos nossos pais. Aqui começou a fazer esse trabalho aqui, mas teve muito pouca gente.</u></p> <p>P.2 Na época que eu fiz a opção pela Agroecologia, eu era plantador de fumo, e aí eu vi que ia muito veneno. Aí foram surgindo reuniões na nossa comunidade e começamos a fazer intercâmbio com outras comunidades e <u>comecei a me interessar para ver se era viável. Só que chegou em uma altura que eu vi que não estava mais dando conta. Daí a produção da Agroecologia ela demora e aí você produz pouco, não é como no convencional.</u></p>

Fonte: elaborado pelo próprio autor.

No quadro 5, observa-se que a perspectiva de mercado/nicho está mais presente no grupo 2, de transição para a produção orgânica, em uma mudança de postura mais

otimista no sentido de querer viabilizar a produção orgânica. A perspectiva logo-poiética se faz mais presente, ainda, no grupo 1, de produtores certificados. Já a perspectiva de protesto/alternativa é mais evidente com o grupo 3, só que em um movimento tardio, denotando que em um determinado momento, houve a consciência dessa excepcionalidade, mas observa-se um pessimismo sobre a viabilidade da produção orgânica de viés agroecológico.

Tome-se como uma situação cotidiana a adoção de insumos agroquímicos nas lavouras. Tal qual um movimento de sobrevivência da espécie humana no mundo contemporâneo, uma vez que nesse local busca-se o alimento necessário para a manutenção da vida. Ali será encontrada a distinção do alimento convencional do orgânico, quando infere-se que há uma experiência estética. E de que forma?

Essa distinção só se torna aparente por meio de uma rotulagem que deixa evidente a diferenciação dos produtos. Como bem afirma Gumbrecht, trata-se de um efeito particular que dá aparência “a percepções e funções que nós nem sequer enxergamos inicialmente enquanto se apresentam dentro do seu contexto padrão” (2006, p. 54).

No momento em que o produtor reconhece determinadas distinções, no caso aqui analisado de alimentos orgânicos, alguns efeitos da experiência cotidiana passam a adquirir contornos singulares, que de alguma maneira reforçam o valor da distinção (predominante na coluna 1, dos produtores certificados), conforme quadro 6, a seguir, quando os agricultores assentados respondem ao questionamento sobre a importância da certificação participativa, concretizada por meio de rótulo da figura 20, a seguir. Na coluna 2 (agricultores em processo de transição), as afirmações são mais compatíveis com a dimensão da significação/logo-poiética, proposta por Alrøe e Noe (2008), uma vez que abordam itens de auto-organização na produção. Na coluna 3, formada pelos agricultores convencionais e ex-produtores orgânicos, o viés das afirmações está mais direcionado às dimensões mercadológicas e de nicho.

Figura 20: selo de conformidade da produção orgânica no sistema participativo.



Fonte: Coperjunho, digitalizado pelo próprio autor.

Quadro 6: respostas ao questionamento sobre a importância da certificação participativa.

<p><i>Grupo 1 (Certificados) – prevalência da perspectiva de protesto/alternativa</i></p>	<p><i>Grupo 2 (Em transição para orgânicos) – prevalência da perspectiva de significação/logo- poiética</i></p>	<p><i>Grupo 3 (Convencional - Ex- produtores orgânicos) – prevalência da perspectiva de nicho/mercado</i></p>
<p>“A certificação é importante para mostrar para a sociedade. Aqui a gente vê, mas eles não veem. Então para mostrar pra sociedade tem que ter esse documento.” – P1</p> <p>“É uma maneira de você unir mais e fazer mais produtos, dá uma visibilidade maior para você colocar os produtos.” – P2</p> <p>“É uma coisa boa para a gente pois ajuda na hora de mostrar o que a gente vende.” – P3</p>	<p>“Você entra porque está convencido naquilo, tem que cumprir com as regras que foram criadas coletivamente, e você vive socialmente. É um aprendizado coletivo” – P1</p> <p>“Para mim é tudo. É um processo de avaliação que você vê o que fez certo, o que fez errado, a gente faz uma análise crítica.”- P2</p>	<p>“Na verdade, o certificado é um rótulo, uma coisa que diz que você é.” – P1</p> <p>“Eu fiquei um tempo mas eu vi que não estava dando certo, por causa da dificuldade, pois você não produz o que você precisa para dar o sustento da família. Você não consegue comercializar nos preços que você quer e então fica em vão.” – P2</p>

Fonte: elaborado pelo próprio autor.

Para Gumbrecht (2006), a descrição da experiência estética passa por quatro conceitos-chave para o entendimento desse contexto de consumo de alimentos orgânicos.

... o conteúdo da experiência estética seriam os sentimentos íntimos, as impressões e as imagens produzidos pela nossa consciência - enquanto inacessíveis aos nossos mundos historicamente específicos. [...] Os objetos da experiência estética seriam as coisas suscetíveis de desencadear tais sentimentos, impressões e imagens. [...] As condições da experiência estética são circunstâncias situacionais historicamente específicas nas quais a experiência estética estaria baseada. [...] Os efeitos da experiência estética as consequências e as transformações decorrentes da experiência estética, que permanecem válidos além do momento exato em que ocorrem (GUMBRECHT, 2006, p. 54, sublinhado nosso).

A partir desses conceitos, entende-se que a produção do alimento orgânico é compatível com uma experiência estética a partir da existência desses conceitos no momento em que o produtor toma a decisão de cultivar orgânicos e os reconhece como produtos saudáveis, em um processo regido pela consciência. No repertório da mente, o produtor tem conhecimento que o produto orgânico é produzido sem o uso de aditivos químicos prejudiciais à saúde. Esse movimento na mente do produtor denota uma série de sentimentos que dão uma certeza – ou sentimento de certeza – que o consumo do orgânico fará um bem para a saúde.

As condições dessa experiência, como bem afirma GUMBRECHT (2006), são ligadas às circunstâncias as quais os produtos orgânicos se apresentam: eles se distinguem dos convencionais de forma visível justamente para serem revelados como uma alternativa mais saudável aos convencionais. Circunstancialmente, em uma realidade na qual os alimentos industrializados e convencionais fazem parte de uma realidade inevitável do mundo contemporâneo, os orgânicos aparecem como uma espécie de “salvação”, pois o consumo desses produtos é uma opção mais saudável para o ser humano. O termo “saúde” e o reconhecimento dos produtos saudáveis, tal como um remédio que vai trazer benefícios para a saúde, é constantemente repetido nas entrevistas realizadas com os três grupos, conforme quadro 7.

Quadro 7: respostas que mencionam termos saúde (e correlatos) no contexto produtivo na Coperjunho.

<i>Grupo 1 (Certificados)</i>	<i>Grupo 2 (Em transição para orgânicos)</i>	<i>Grupo 3 (Convencional - Ex-produtores orgânicos)</i>
<p>“...é coisa saudável que eu estou vendendo na feira. Não só pra mim, mas também para quem compra” – P1</p> <p>“Fico feliz que a gente está produzindo e depois comercializando, para o consumidor, sabendo que está ele comprando, que está comendo uma coisa que é garantia de saúde para ele para a família dele. Que não tem agrotóxico, não tem nada.” – P2</p>	<p>“O fundamental é você saber que está produzindo um alimento saudável para você e sua família. Você está produzindo sem jogar veneno ali. Isso dá uma satisfação muito grande, de saber que está produzindo com qualidade.” – P1</p> <p>“Quando você consome um produto que vem da produção agroecológica, em comparação com aquele convencional que tem no mercado, é como se você tomasse um antídoto para aquele consumo ruim, daquele produto que não tem aquela qualidade.” – P1</p> <p>“A gente tem o reconhecimento das pessoas quando trazemos os nossos produtos aqui na feira, elas reconhecem a qualidade, que é um produto saudável.”- P2</p>	<p>“Se nós conseguíssemos sem tóxico, a saúde da população seria muito melhor. Tinha que ter um modo de controlar os bichinhos, os predadores, que estão aí.” – P1</p> <p>“...é comida saudável, só que hoje eu não estou mais produzindo comida sem agrotóxico. Eu não planto mais tomate, feijão, só mexo com vaca leiteira, e o que eu vou comprar no mercado eu sei que não vou comer comida boa.” – P2</p>

Fonte: elaborado pelo próprio autor.

Por fim, após produzir esse produto orgânico de viés agroecológico, os efeitos dessa experiência estética em uma situação cotidiana ocorrem durante o período da cultivar do produto orgânico, uma vez que, durante esses momentos, a sensação de satisfação por estar consumindo um produto mais saudável está presente, mesmo que inconscientemente. A decisão do produzir o orgânico tem repercussões (ou “efeitos”) significativos que se traduzem no bem-estar. A simples presença de um produto

orgânico na lavoura, pode dar início ao que Gumbrecht (2006), chama de “efeitos de presença”, mesmo com a ressalva que o ser humano não aceite qualquer objeto cotidiano como “objeto de experiência estética”.

O ato de produzir para alimentar-se independe da vontade: a fome não é desejável. Jamais poderia se pensar que ali poderia estar surgindo uma “experiência estética”. No entanto, no momento em que há, o que Gumbrecht (2006, p. 55) afirma como “interrupção inesperada no fluxo do cotidiano”, a qualidade do produto orgânico é reconhecida na mente do produtor.

Ao final da reflexão sobre a experiência estética no mundo cotidiano, Gumbrecht (2005, p. 61) faz justamente uma análise de um processo de ingestão “puramente nutricional em direção a uma experiência estética”. Os efeitos de presença do alimento orgânico se acentuam a partir da percepção sensorial (para o produtor, até como consumidor, o gosto do alimento orgânico pode ser diferente do convencional), ou pelo menos, esses efeitos se fazem valer a partir de uma reflexão mental da forma como esse alimento foi produzido, sem aditivos, gerando um efeito de significação que afeta a percepção. No caso aqui abordado, os rituais gastronômicos em restaurantes “de primeira classe” mostrados por Gumbrecht, se concretizam em atividades cotidianas nas quais o produtor é defrontado com o produto orgânico e cria em si, uma relação única, na qual as qualidades do produto orgânico influenciam o gosto e provocam uma sensação específica de bem-estar.

A perspectiva agroecológica exige características próprias à produção orgânica praticada na Cooperativa, de modo a preservar os fundamentos preconizados pela Agroecologia (técnico-científicos, éticos, socioambientais, ecológicos, culturais, econômicos, etc.). Neste quesito, ARL (2015) faz um alerta sobre a tendência em adjetivar de verde com selos e propagandas os produtos orgânicos, uma vez que esse tipo de produção está em franca expansão no mercado, no que chama de “econegócio” : “...leva muitas empresas e grandes investimentos agropecuários a se interessarem pela produção orgânica, mas sob comando da lógica de mercado” (Arl, 2015, p. 41); estratégias estas que não fazem parte da perspectiva agroecológica que embasam o *ethos* da Coperjunho.

Nas manifestações dos agricultores da Coperjunho, percebe-se que há uma tentativa de manter a produção orgânica no marco epistêmico da Agroecologia, sem deixar-se dominar por esse denominado "econegócio". Identifica-se a preocupação com estratégias de mercado baseadas na construção de uma relação de confiança com os

consumidores, nas relações de economia solidária assentadas no conceito de comércio justo (produtos saudáveis e preços adequados, no entanto em uma condição distinta às preconizadas no *fair-trade*¹⁶), nas vendas diretas em cadeias curtas de comercialização e na aproximação com os consumidores.

Assim, se faz necessária a referência aos desafios da Agroecologia, do modo com que ARL (2015) afirma.

Atualmente, é muito grande a diversidade de atores que se que se envolvem de diferentes formas e com diferentes objetivos com “produção orgânica” [...] Até mesmo diante diferentes iniciativas fundamentadas na mesma escola construíram percepções políticas diferentes. Mas as diferenças mais graves se verificam na relação com as iniciativas do “econegócio”, do capitalismo verde. Nesse contexto, a sustentação de uma perspectiva transformadora junto à agroecologia é um desafio muito grande, e cria-se muita confusão no que se quer chamar de movimento orgânico. [...] é necessário no mínimo fazer uma distinção quanto ao perfil dessas diversas iniciativas (ARL, 2015, p. 40).

A banalização da produção orgânica pode confundir o consumidor, e contraditoriamente ao ideário da sustentabilidade. promove o “econegócio”. Ou seja, cria a expectativa de mudanças, promete um novo produto sem que no entanto, como bem aponta Arl se altere “questões estruturais de fundo como a concentração de riquezas, das terras e outros meios de produção, a exclusão social e a fome”.

É essencial a contribuição de Arl (2015) na diferenciação da Coperjunho com cooperativas inseridas no mercado sem a devida perspectiva agroecológica, ainda que tenham uma produção orgânica. Daí a necessidade de diferenciar o econegócio da Agroecologia ciência e daquilo que mais se aproxima da realidade encontrada na Coperjunho, a Agroecologia ciência, sociedade e movimento.

¹⁶ *Fair-Trade* (FT) e aumento da demanda por alimentos orgânicos na Europa e EUA são sinais de uma revolução aparente “de baixo para cima” mas não podem ser considerados fenômenos puramente demandados por um lado. Podem esconder uma estratégia de marketing para diversificação de produtos ou simplesmente uma marketing de nicho (SASSATELLI, 2004).

Econegócio ou agronegócio verde - Essa é uma grande tendência na economia neoclássica: adjetivar de verde com selos e propagandas vinculadas para ocupar o novo espaço que se abre com as crescentes preocupações da sociedade com as questões ambientais. [...] **Agroecologia ciência** (campo de conhecimento resultante da confluência das ciências e outras formas de construção social do conhecimento) [...] Assume a dimensão científica da agroecologia para muito além da lógica da substituição de insumos ou do cumprimento das normas de produção orgânica. E, percebe o ser humano como parte na natureza. Porém, se exerce uma diversidade de posições em relação as questões sócio políticas sendo muitas vezes parcialmente consideradas e/ou até mesmo desvinculando a questão técnica da política. [...] **Agroecologia ciência, sociedade e movimento** - Trata-se de iniciativas e articulações consequentes quanto à compreensão da funcionalidade e amplitude da fertilidade dos ecossistemas e agroecossistemas. Assume a dimensão científica da agroecologia para muito além da lógica da humano como parte na natureza, em visões mais ecocêntricas. Assumem a condição da agroecologia como um campo de conhecimento e de confluências de ciências, mas vincula à perspectiva de transformação estrutural da sociedade, contrapondo-se claramente ao sistema capitalista e a dominação das grandes corporações (ARL, 2015).

As expressões sígnicas materiais (rótulos) e discursivas identificadas na Coperjunho mostram a percepção da Agroecologia pelos assentados da Reforma Agrária como “campo de conhecimento resultante da confluência das ciências e outras formas de construção social do conhecimento” como bem aponta Arl para o qual se coloca “muito além da lógica da substituição de insumos ou do cumprimento das normas de produção orgânica” (2015, p. 42).

4.5 A PERCEÇÃO DA PRODUÇÃO E DE MERCADO PELOS AGRICULTORES ASSENTADOS EM CONTEXTO DE CRISE

Conforme visto anteriormente, entende-se que os agricultores são produtores de significados próprios e incorporam, no processo de produção sgnica, o conhecimento e experiências vividas no cenário de produção orgânica na perspectiva agroecológica da cooperativa onde estão inseridos.

O Projeto de Assentamento (PA) Oito de Junho  constituído de 71 famílias, das quais 30 são associadas à Coperjunho. Observou-se, em março de 2016, que dentre estas praticamente a metade (14) possuíam produção orgânica com certificação participativa (06 em processo consolidado e 08 em transição). Em agosto de 2017, este quadro sofreu mudanças relevantes: 01 família do processo consolidado havia abandonado o sistema de produção orgânico, e 06 famílias em processo de transição optaram por abandonar o sistema. Mesmo assim, das 02 famílias que abandonaram o sistema e foram entrevistadas nesta pesquisa, 01 ainda manifestou vontade de retornar para o sistema orgânico, demonstrando, ainda que qualitativamente, que a resistência camponesa, na busca pela viabilidade econômica e social do lote da Reforma Agrária, neste sentido representadas pelos objetos dinâmicos verbalizados por meio dos depoimentos do quadro 7, do subcapítulo 4.4.

A organização dos agricultores assentados em forma de cooperativa  estratégica para o aumento da renda e da melhoria da qualidade de vida no meio rural. As dificuldades não são poucas e os motivos podem ser explicados de acordo com CHRISTOFFOLI (2010),

O processo de trabalho nos assentamentos de reforma agrária se d basicamente através da forma histórica de produção simples de mercadorias, ou seja, são trabalhadores rurais que produzem prioritariamente para consumo da unidade familiar e que usualmente vendem o excedente produzido. Em geral, trata-se de unidades produtivas que não conseguem gerar excedente em escala apreciável, que não conseguem apropriar-se da renda da terra, perdida para o capitalismo comercial, especialmente para atravessadores, ou para o sistema financeiro (financiamentos bancários), que obtm baixa produtividade do trabalho, e que têm sérias dificuldades em se manter, sem ter de recorrer a rendas externas, sejam elas oriundas do Estado, seja do assalariamento temporário ou permanente de um ou vários membros do grupo familiar (CHRISTOFFOLI, 2010, p. 27).

A alternativa encontrada pelos assentados do PA Oito de Junho, ao formar uma cooperativa fazem parte de um repertório único, no qual a capacidade criativa do

trabalhador rural, conforme o texto introdutório desta dissertação (CHAYANOV, 1994), muito devido à capacidade organizativa daqueles que fazem parte do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST).

Frente a isso, os trabalhadores rurais assentados buscam se organizar em uma diversidade de formas associativas, dentre as quais se destacam as cooperativas e as associações. Além destas, tem-se uma importante diversidade de formas: núcleos de base de famílias; grupos informais de cooperação; associações; condomínios de produção e/ou serviços (suínos, máquinas, armazenagem, leite); grupos coletivos; cooperativas de comercialização; cooperativas de produção coletiva (CPAs); cooperativas de trabalho; cooperativas de crédito (CHRISTOFFOLI, 2010, p. 28).

As formas de cooperação fomentadas pelo MST têm uma trajetória marcada por uma mudança paradigmática, em favor da Agroecologia. No caso da Coperjunho, tem-se um exemplo de como uma organização que se desafia a mostrar, em que pese o cenário de dificuldades vivenciadas pelos agricultores assentados, de como é possível fazer essa passagem da agricultura convencional para uma prática diferenciada, ainda que parcial. Há, portanto, uma distinção entre a utopia e o avanço ideológico na direção da Agroecologia, e a materialidade da condição aqui verificada nesta pesquisa. Embora o número de produtores orgânicos seja inferior, esse grupo menor ainda conseguiu formar uma cooperativa com base na ajuda mútua, reforçando o sentido estratégico da organização camponesa em torno dos ideais agroecológicos, e, por que não, afinados às tendências de mercado. A mudança de visão pode ser assim definida,

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST) foi fundado em 1984 e é considerado um dos maiores movimentos camponeses do mundo. Nas últimas décadas, esse movimento tem modificado radicalmente o seu discurso ao modo de produção que deve ser adotado pelos agricultores em seus assentamentos, migrando de um discurso com forte viés produtivista para outro mais aderente à visão agroecológica, passando a incorporar ao centro de seu ideário conceitos como o respeito e resgate da agricultura camponesa, bem como as diretrizes da agroecologia (BORSATTO E CARMO, 2013, p. 646).

Contudo, com afirmado anteriormente, constatou-se em agosto de 2017 que somente uma família do processo consolidado havia abandonado o sistema de produção orgânico, enquanto que a maior parte das famílias (06) em processo de transição optaram por abandonar o sistema. **Portanto, a análise desse movimento de redução de pessoal na produção orgânica torna-se imperativa para poder identificar limites e desafios da produção orgânica** tendo como elemento central a voz dos principais protagonistas envolvidos no processo de produção - agricultores, dirigentes da

cooperativa e agentes de assistência técnica – bem como prospectar possibilidades no fortalecimento da produção orgânica na perspectiva agroecológica.

Mesmo sendo um diferencial [da produção orgânica], os assentados da Coperjunho permanecem dependendo das condições de mercado para difundir os princípios agroecológicos junto aos seus pares. Algumas análises buscam explicações para a situação vivida pelos agricultores que não têm alternativa senão se ajustar às essas mesmas condições. Explicações essas que não são suficientes, pois trazem apenas um diagnóstico e não as alternativas para a superação dos entraves.

Paradoxalmente, o MST difundiu em seus assentamentos um modelo de produção que tinha sido a causa da expropriação dos camponeses em um momento anterior. É certo que este modelo tinha incorporado novas dimensões, como a coletivização e sistematização do trabalho, bem como a divisão social do capital com vistas a suplantar os problemas anteriores, porém, os agricultores continuaram dependendo do mercado, tanto para a aquisição de bens para produção quanto para comercialização de suas mercadorias, fato que levou os assentados a ficarem reféns de conjunturas que não estavam sob o seu controle (BORSATTO E CARMO, 2013, p. 655).

Em todo caso, pode-se constatar, de imediato, que aqueles produtores envolvidos no processo de transição foram os mais afetados, seguramente os mais frágeis frente aos impactos circunstanciais do retrocesso de políticas públicas e recessão econômica verificada no país naquele período.

Para um dos agricultores, em processo de certificação, a estruturação da produção é fundamental para o desenvolvimento socioeconômico familiar: *“A Coperjunho é parceira, principalmente na produção leite orgânico, que agora está meio travado, (...) acho que está meio difícil, espero que no futuro, mesmo não sendo 100%, sabendo dessa dificuldade que está.”*

Para entender melhor as dificuldades enfrentadas, outro agricultor, também em processo de certificação, manifesta: *“Eu vejo que a Coperjunho, apesar da dificuldade, faz um esforço que é possível mostrar um outro tipo de produção, ela é pequena mas é uma referência (...) não como grande quantidade mas como do ponto de vista da referência, que está no caminho certo. Ela precisa de mais apoio. Temos um limite muito grande, nenhum tipo de banco público tem recurso para produção orgânica e agroecológica. Se você vai pedir financiamento para produzir soja, milho transgênico, você vai ter financiamento. Mas agora se você falar que vai produzir produto agroecológico, vão dizer que não tem, que não está dentro do programa. Isso é ruim, porque se tivesse incentivo você poderia dobrar a capacidade de produção e se tiver*

produto agroecológico, vai chegar na mesa do consumidor, isso tinha que ser o diferencial.”

Percebe-se que o acesso aos mercados é um fator que agrega interesses comuns do grupo de agricultores com produção orgânica certificada, mas ao mesmo tempo, há fatores limitantes na comercialização (escala e dependência de mercados específicos). Na opinião de um agricultor certificado: *“O mercado, a gente não tem o produto para se fazer no mercado grande. A gente tem só a feira e a merenda escolar. Para fazer mercado tem que ter produção e sem produção não se alcança mercado”*.

Mesmo com todas as dificuldades e limitações dos mercados locais (feira) e institucionais (merenda escolar), o papel agregador da Coperjunho tem grande importância para a coesão social das famílias que optaram pela produção orgânica no Projeto de Assentamento Oito de Junho, conforme destaca outro produtor certificado: *“A Coperjunho que abriu as portas para a comercialização com o grupo aqui de orgânicos, apesar das pouquíssimas famílias aqui dentro do assentamento que trabalham nisso. Começamos com feira, e pela necessidade da comercialização e da merenda escolar, a gente viu a necessidade de ter uma cooperativa. A cooperativa se inseriu junto com o grupo e tem uma grande importância, pois ajuda a comercializar a produção nossa e acaba gerando renda para o produtor”*.

A atividade cooperada, além de gerar uma maior coesão entre os assentados, tem um relevante papel para a consolidação do campesinato, de forma como afirma VAN DER PLOEG (2008), sobre o assunto.

A agricultura implica, acima de tudo, criar ativamente coisas, recursos, relações e símbolos [...] É no processo de trabalho e através dele que o progresso pode ser alcançado. Isso significa que o processo do trabalho é uma arena muito importante de luta social para o campesinato. A luta social não ocorre apenas nas ruas, nas ocupações de terras [...] também deve ser vista como um esforço substancial para melhorar os recursos disponíveis, provocando pequenas adaptações que, no seu conjunto, contribuem para a criação de um bem-estar aumentado, de uma renda mais elevada e de melhores perspectivas de futuro. Nesse aspecto, a cooperação é, frequentemente, um mecanismo-chave (VAN DER PLOEG, 2008, p. 43).

A coesão social e organização da produção também são evidenciadas nos depoimentos dos agricultores, até como forma de sobrevivência. *“Acho que a Coperjunho ajuda na organização na produção. As vendas no mercado são necessárias para a gente se manter aqui”*. A estratégia da produção orgânica também é referenciada como forma de justificar a permanência do agricultor na forma agroecológica de produção, reforçando a identidade da cooperativa. *“Na Coperjunho tem um incentivo*

para a produção orgânica, que comercializa e planta, né, é uma cooperativa que está no rumo certo desse lado da agroecologia, né”.

Incentivo este que pode ser definido por Carmo e Borsatto (2013), como uma forma de fortalecimento da organização dos agricultores assentados da Reforma Agrária, devolvendo os agricultores às origens campesinas, conferindo a eles um maior protagonismo.

Em suma, a defesa da Agroecologia dentro do MST está em uma curva ascendente [...] Aponta-se que esse discurso agroecológico vem sempre profundamente vinculado a duas outras temáticas afins, a da soberania alimentar e da luta contra o agronegócio. Isso, por sua vez, aproxima o Movimento cada vez mais das demandas de seus agentes, isto é, dos agricultores, pois introspecta em seu seio ideias e características que sempre estiveram presentes no modo de produzir (ou viver) dos camponeses. (CARMO E BORSATTO, 2013, pp. 657-658).

Sobre os agricultores que saíram da produção orgânica, ainda que certificada buscou-se entender as dificuldades encontradas para viabilizar a produção, principalmente pelas manifestações dos agricultores no que se refere as limitações para a obtenção de renda familiar. Para um dos agricultores (ex-certificado), o sucesso da produção orgânica numa perspectiva agroecológica passa pelos fatores de viabilidade econômica: *“Para mim, a agroecologia tem que ser construída dentro da propriedade, que possa permitir a auto-sustentação da família, que a família sobreviva da agroecologia. Algumas pessoas aceitaram [a agroecologia] e outras não, acabando tomando um rumo diferente”.*

A questão do retorno econômico mais imediato e da escala de produção, também são apontados pelos agricultores como desafios considerando a grande diversidade de produtores que são encontrados nos projetos de assentamento de Reforma Agrária. *“Eu tentei o agroecológico, sem agrotóxico, mais natural, aqui mas foi complicado porque os vizinhos não eram, não seguiam a agricultura orgânica, e o veneno começou a prejudicar aqui, também, e não dava muito certo, né. Hoje está difícil com o que vem de fora, pois o produto orgânico que a gente produz para combater os bichinhos que vêm de fora já não funciona mais, e o que vem de fora está muito contaminado. Na época que fiz a opção [pela agroecologia], eu era plantador de fumo, tinha que usar muito veneno, mas chegou em uma altura que não estava dando conta, pois na produção na agroecologia ela demora, produz pouco, perto do que tem na convencional. Sai por falta de dar retorno por área de terra. Tive que parar porque não tinha o suficiente*

para dar o sustento da família, você não consegue comercializar do jeito que você quer, aí fica difícil”.

Um dos agentes da cooperativa destaca ainda questões sobre a organização da produção, alcance dos mercados em cadeias curtas e longas e a natureza dos produtos, como decisivas para a Agroecologia, reconhecendo a importância da instalação de uma universidade dentro do próprio assentamento. *“A vinda da Universidade [UFFS] isso ajudou muito. (...) Enquanto mercado, eu falaria assim, o produto “in natura” orgânico ele tem mercado, já, na região, mas ainda é muito pouco. E hoje para pensar em viabilizar alguma coisa, teria que industrializar e processar, e aí não é pensar na região, infelizmente. Se for pensar o lado econômico, tu vai querer que ir pro um grande centro. Já temos alguns testes, vendendo alguns produtos via Rede Ecovida em Curitiba, São Paulo, algumas coisas, estamos fechando agora com uma empresa que é uma ideia que, como o pessoal tem muita mandioca, que é um produto simples de produzir e que existe muito, a ideia é de iniciar um processo, industrializar isso aqui, embalar a vácuo e entregar em Curitiba para entregar na própria feira. Eu diria que o mercado de orgânico hoje, eu vejo que é maior que a produção. Ou seja, você ainda não tem a organização da produção ainda para chegar nesse mercado. Ou seja, com toda essa conversa que a gente faz com algumas empresas e você diz “não, é só fazer”, mas não é fazer produto “in natura” de qualquer jeito, em geral o produtor acha que é isso, que é só colocar dentro de uma caixa e vai. Não, tem que ter essa questão da profissionalização da produção, acho que isso está faltando muito, e o mercado é um grande problema“.*

Apesar do quadro não ser favorável, a permanência dos agricultores na produção orgânica de viés agroecológico, a conjuntura preconizada por VAN DER PLOEG (2008) encontra eco nessa busca incessante de alternativas, como as retratadas no depoimento anterior, para viabilizar a forma produtiva.

Mesmo quando as circunstâncias diretas implicam privação e desespero, o princípio camponês contém esperança. A esperança de que, através do trabalho, da cooperação e de ações conjuntas e/ou lutas abertas, o progresso pode ser construído. [...] Ele [o princípio camponês] também pode ser visto como a condição camponesa projetada no futuro. Isto é, o princípio camponês sintetiza o roteiro que projeta os camponeses ao longo do tempo: ele liga o passado, o presente e o futuro, atribuindo sentido e importância aos muitos mecanismos de retorno e de avanço que relacionam as fases entre si, e integra as muitas atividades e relações diferentes em um todo significativo. Em suma, o princípio camponês cria caminhos para o futuro. [...] Ele salienta o valor e a satisfação de trabalhar com a natureza viva, de ser relativamente independente, da artesanidade e o orgulho relativamente ao que foi

construído. O princípio camponês também se centra na confiança nas suas próprias qualidades e descobertas.” (VAN DER PLOEG, 2008, p. 299)

Por fim, na opinião de um agente de Assistência Técnica com prestação de serviços à Coperjunho as políticas públicas existentes são insuficientes, e não permitem o desenvolvimento pleno das comunidades atendidas, prejudicando a difusão da cultura agroecológica. *“Por mais que o PA 8 de Junho é referência em agroecologia, a adesão ainda é baixa. O motivo pode ser a falta de tecnologias que facilitem a produção, principalmente de grãos e hortaliças. O leite poderia ser um carro chefe da produção orgânica, porém enquanto o laticínio não estiver em funcionamento não tem quem compre a produção de leite orgânico. Pois, a partir do momento que o laticínio estiver funcionando e comprando leite orgânico com um preço diferenciado, isso acaba influenciando os demais a produzirem e certificarem o leite como orgânico. Para aumentar a produção deveria ter mais assistência técnica, voltada para a produção agroecológica, com acompanhamento frequente, para que realmente avance a produção orgânica. Outro fator, seria a demanda de produção (exemplo o leite). A assistência técnica é muito importante, ajudou algumas famílias a avançarem no processo da produção agroecológica, porém a assistência técnica (Inkra) para os assentados é muito burocrática para a agroecologia que precisa de maior acompanhamento. Pois, os técnicos tinham que cumprir metas de visitas de um número determinado de famílias e não podia fazer mais que uma visita no mês na mesma família. Isso dificulta muito para a produção agroecológica, para isso tem que ter uma assistência técnica específica para essas famílias. O projeto de assistência técnica do Inkra era para avançar a produção agroecológica, porém na prática era muito diferente, muito burocrático, importava mais o que estava no papel do que as práticas que estavam sendo realizadas pelos técnicos”.*

Neste sentido, na produção do conhecimento agroecológico, destaca-se o papel fundamental da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) que, de forma emblemática, situa-se fisicamente (*campus* Laranjeiras do Sul) junto à área destinada ao espaço comunitário do Projeto de Assentamento Oito de Junho. Nesse contexto, é de extrema importância a afirmação de políticas públicas de Assistência Técnica para os assentados da Reforma Agrária em todas as etapas de produção, na perspectiva da construção social do conhecimento. Os saberes tradicionais, que se materializam na produção do conhecimento agroecológico, dependem do diálogo permanente de saberes entre a academia e os produtores rurais familiares, bem como povos tradicionais.

Em que pese o cenário de crise, não previsto pelo pesquisador, esses elementos verbais trazem o recorte de uma realidade da qual não se deve silenciar. Pelo contrário, ao dar voz a esses sentimentos muita vezes angustiantes, espera-se que nessas dificuldades, a força dos agricultores camponeses adquira novas tonalidades, novas formas de serem percebidas por aqueles que mais precisam deles, nas cidades, distantes da realidade do mundo rural contemporâneo.

As políticas públicas – mediadoras e apoiadoras das iniciativas da Agroecologia – que culminaram na criação da Planapo, mostraram-se um importante avanço no Desenvolvimento Rural Sustentável e necessitam ser mantidas, fortalecidas e ampliadas. Constituem possibilidades determinantes na superação os prejuízos que a sociedade vem sofrendo em razão dos enormes retrocessos atuais impingidos ao País, no que se refere às políticas governamentais. A redução em 85,2% da dotação orçamentária no Projeto de Lei Orçamentária Anual 2018 (BRASIL, 2017) nos investimentos em Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER), no orçamento anual do Incra, é uma demonstração factual dos imensos desafios a serem enfrentados, sob pena de haver consequências nefastas, caso essa política de desmonte do Estado e de suas instituições de desenvolvimento agrário não seja revertida em curto prazo.

Por fim, há limites e desafios a serem considerados. Por exemplo, destacam-se, entre eles a dependência da Coperjunho com relação ao mercado institucional e o baixo investimento em políticas públicas principalmente no que se refere a assistência técnica. Esses são alguns fatores que dificultam a permanência de agricultores na perspectiva agroecológica de produção. Além destes, as limitações das cadeias curtas e dificuldades para entrar em mercados mais promissores também limitam a atuação da cooperativa.

4.6 O MOVIMENTO DOS TRABALHADORES SEM TERRA NO CONTEXTO DA PRODUÇÃO ORGÂNICA DE VIÉS AGROECOLÓGICO NA COPERJUNHO

A trajetória dos assentados associados à Coperjunho tem como pano de fundo, a vinculação ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST)¹⁷. Esse vínculo está ligado às questões de organização dos movimentos de camponeses na luta pela terra, não apenas no ponto de vista econômico, mas também na dimensão simbólica.

Nesse contexto, a Agroecologia não apenas aparece como meramente uma opção produtiva, mas também como uma alternativa para a produção de alimentos com uma marca, uma identidade, marcada como uma oposição ao esvaziamento do meio rural por meio de uma dita modernização da agricultura, com a exclusão dos camponeses, como bem afirmam Sevilla Guzmán e Soler (2010),

A forma como a comida é produzida, distribuída e consumida entrelaça as esferas simbólicas e éticas com os materiais para formar uma das bases fundamentais de toda a civilização. [...] A agroecologia começa por esta crítica aos processos de modernização industrial dos alimentos e à necessidade de mudanças para propor um novo olhar para os agroecossistemas com base na revalorização do conhecimento tradicional dos camponeses, tanto na gestão produtiva quanto na organização sócio-cultural (SEVILLA GUZMÁN e SOLER, 2010, p.192).

O que observa-se, nesta dissertação é justamente um movimento contrário, ainda que em um cenário de crise, com um forte componente familiar que aumenta o grau de coesão das famílias que permanecem na forma agroecológica por meio dos cultivos orgânicos. A forma como realizam os processos de avaliação da conformidade da produção orgânica, de maneira participativa, é um componente cultural relevante que faz parte do cotidiano encontrado no meio vivido pelos associados da Coperjunho. Essa articulação da produção orgânica com o controle social exercido pelas famílias, reforça as ligações culturais e os laços de cooperação entre a vizinhança envolvida nesta forma de produção no Assentamento Oito de Junho. Dessa forma, se faz valer a afirmação de que "comunidades camponesas mantiveram uma cultura própria onde a articulação social é coesa em torno dos laços de parentesco e o trabalho é organizado na família

¹⁷ Sevilla Guzmán considera que os integrantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra estão inseridos no contexto do campesinato a partir da hipótese "de que 'os sem-terra' podem se considerar como camponeses, que desenvolvemos em outro lugar (Sevilla Guzmán e González de Molina, 1993), ao estarem submetidos também à degradação de seus traços camponeses, inclusive pelas vias muito mais expeditivas, é algo que se deve explorar no contexto da composição dos diferentes tipos de camponeses que integram cada movimento social que luta pela terra." (pp. 82-83)

longe das relações salariais” (González de Molina e Sevilla Guzmán, 1993 apud Sevilla Guzmán e Soler, 2010).

A articulação entre assentados e produção orgânica de viés agroecológico, embora fragilizada pelo contexto, é uma das estratégias de resistência do campesinato, que confere um grau de estabilidade, bem-estar e de satisfação, já demonstrados nas entrevistas. Essa é uma das formas de sobrevivência da forma camponesa de vida, na qual a Agroecologia se torna um elemento fundamental de luta política, que se concretiza na adesão dos assentados ao MST, uma vez que, dispersos, não teriam a unidade necessária para fortalecimento na luta diária pela sobrevivência em um meio rural ainda fortemente marcado pela concentração fundiária no Brasil. Nesse sentido, novamente recorre-se a Freire, “A reforma agrária não é uma questão simplesmente técnica. Envolve, sobretudo, uma decisão política, que é a que efetua e impulsiona as proposições técnicas que, não sendo neutras, implicam a opção ideológica dos técnicos.” (FREIRE, 2014, p. 73).

É de fundamental importância analisar o contexto próprio de trabalho e de modo de vida encontrado na comunidade de assentados no Projeto de Assentamento Oito de Junho, que passa necessariamente, por uma articulação de experiências produtivas, com viés político, do qual a Agroecologia está presente, com objetivo de se reduzir desigualdades geradas em um processo histórico de ocupação de território no estado do Paraná.

A estabilidade e a capacidade da resistência camponesa estão relacionadas a critérios sociais que unem a satisfação individual com o bem-estar coletivo da comunidade [...] Podemos concluir que as comunidades camponesas desenvolveram formas de gerenciar recursos naturais, com altos graus de autonomia de mercado, critérios de coesão social e solidariedade, guiados por uma racionalidade ecológica que respeite os limites da natureza e em que trabalho O ser humano está orientado a garantir e manter a capacidade produtiva do agroecossistema de que depende o modo de vida. A ideia não é idealizar o campesinato, mas reconhecer e recuperar os aspectos socio-políticos e ambientais positivos, a fim de desenvolver propostas alternativas para o desenvolvimento rural a partir de uma perspectiva agroecológica (SEVILLA GUZMÁN E SOLER, 2010, p.204).

A participação dos assentados da Coperjunho no MST cria a dimensão política que se faz presente no Projeto de Assentamento Oito de Junho na forma de organização social, base de uma forma mais sustentável de produzir alimentos. E esse sentimento de pertencimento ao movimento social é verbalizado no quadro 8 pelos participantes da pesquisa quando defrontados com o símbolo do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra, na figura 21.

Figura 21: símbolo do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra.



Fonte: Coperjunho, digitalizado pelo próprio autor.

Quadro 8: respostas ao questionamento sobre o que significa o símbolo do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST).

Grupo 1 (Certificados)	Grupo 2 (Em transição para orgânicos)	Grupo 3 (Convencional - Ex-produtores orgânicos)
<p><i>“Um casal simboliza o sonho de fazer juntos, o facão é o instrumento de trabalho na terra que usamos na Agroecologia, inclusive, como um símbolo de resistência e o país mostra que isso que fazemos tem que estar em todos os cantos do Brasil.” – P1</i></p> <p><i>“Esse é o nosso marco dentro do assentamento. Sem o movimento hoje, não estaríamos aqui. Tem muita discórdia na mídia, porque pra ela não interessa o pobre. Preferem que fique na cidade passando fome do que dar uma terra pra produzir. Vê o Sem Terra como vagabundo e não vê</i></p>	<p><i>“Tem o cuidado com a natureza, o clima, as águas e o solo. [...] Além da democracia da terra, que é fundamental, a organização da reforma agrária plena, não é possível um país que não tenha resolvido a questão da concentração da terra. O Brasil só vai um país autossustentável quando conseguir desconcentrar a terra e não adianta desconcentrar a terra e continuar produzir com agrotóxico. (...) Aonde existir assentamento, a gente não pode deixar de debater um outro modo de produção. Se for pra produzir convencional, melhor deixar pro agronegócio. Nosso papel na</i></p>	<p><i>“Pra mim, isso é uma identidade. Uma esperança, pra fortalecer ainda mais a luta, ali que vai segurar o povo de fora.” – P1</i></p> <p><i>“Eu participo dessa luta desde que eu tinha 18 anos. Sempre tive vontade de me unir ao um povo e lutar por um pedaço de chão. É o que aconteceu aqui em 89. Quando povo está na pior na cidade, na Bíblia está escrito que a terra é de todos né. Está na mão de poucos, mas é de todos. Todo mundo tem direito a um pedaço de terra pra plantar o que quiser. Ninguém nasceu na terra pra viver no vento. Tem que viver na terra. É um símbolo de</i></p>

<p><i>o lado da pessoa, só vê o lado da fazenda, que é pessoal grande, do latifúndio.” – P2</i></p> <p><i>“Uma organização que possibilita a recuperação do ser humano, que valoriza o ser humano, dando uma oportunidade de você melhorar sua qualidade de vida.” – P3</i></p>	<p><i>Reforma Agrária é produzir orgânico e agroecológico. Nós temos raízes aqui e o MST está fazendo essa diferença.” – P1</i></p>	<p><i>luta e consegue, só que está difícil hoje.” – P2</i></p>
---	---	--

Fonte: elaborado pelo próprio autor.

Nos depoimentos, a utopia por um mundo melhor, mais sustentável, saudável e com justiça social fica evidente em todos os estratos, desde os agricultores certificados, passando por aqueles em processo de certificação e inclusive por aqueles que saíram do processo orgânico e retornaram para o modo de produção convencional. Os níveis de consciência política se articulam em uma postura verbal articulada que pode ser bem traduzida nos dizeres de CEZIMBRA,

Quanto ao aspecto o social, o acesso à terra, que proporciona renda, autonomia, poder de decisão, participação social, contribuir com o desenvolvimento da sociedade, sentir-se útil à sociedade, cumprir uma função social, proporciona um sentimento de orgulho nos assentados[do Projeto de Assentamento Oito de Junho] (CEZIMBRA, 2013, p. 95).

Mais que uma opção política, a adesão dos assentados do PA Oito de Junho ao MST evidencia um grau elevado de consciência das dificuldades e de pertencimento a um agrupamento que não apenas produz alimentos, mas também produz significados, marcas e ideais de vida que muito se aproximam do mundo utópico imaginado por Chayanov.

5 CONCLUSÕES

Nesta dissertação, buscou-se analisar as manifestações sógnicas de um grupo definido de agricultores assentados da Reforma Agrária e de que maneira elas são percebidas por esses agricultores. Manifestações essas que se concretizaram de diferentes formas: por discursos (principal unidade analítica), por imagens (nos rótulos) e por convicções políticas que enfim, se traduzem, no campo da Comunicação Social, na forma de percepções. Nesses elementos manifestados, a utopia se faz presente em diversas partes das narrativas.

Em consonância com os objetivos geral e específicos propostos nesta dissertação, a identificação e comparação das formas de percepção foram realizadas e revelaram uma realidade complexa e abrangente. Nos signos concretos da Agroecologia que aqui foram analisados, conclui-se que as potencialidades sógnicas são decorrentes da prática agroecológica pelo grupo de assentados na Coperjunho e que essa prática é construída a partir de crenças que consolidam a prática sociocultural e de luta política daquele grupo.

Na análise e interpretação das marcas dos produtos agroecológicos da Coperjunho – em um contexto de construção simbólica e institucional sob a égide da Agricultura Orgânica – a prática agroecológica adquire contornos mercantilizados, ao transferir as crenças para um bem material que se apresenta de forma distinta aos produtos convencionais, sob o rótulo de “orgânicos”. Nesse processo de ressignificação para Agricultura Orgânica, o sentido do campesinato adquire uma maior complexidade a partir de uma prática agrícola sustentável que fragiliza as interações entre as dimensões social, econômica, cultural e ambiental, já que nesse processo de mercantilização, aponta-se, por meio desta pesquisa, a dificuldade na permanência no sistema de produção orgânica de viés agroecológico. Considera-se, neste contexto de fragilidade, também, a imprecisão conceitual proporcionada pelo caráter compulsório (determinado pelas normas do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento) da denominação orgânica. Imprecisão esta, verificada diversas vezes nos discursos demonstrados nesta dissertação.

Nas manifestações e percepções dos agricultores assentados e formas de semióse do signo “Alimentação Saudável” – na perspectiva da Semiótica Peirceana – a práxis se dá na relação do agricultor com o mundo que o envolve e faz com que a prática de vida baseada na produção orgânica de viés agroecológico se transforme em linguagem, seja

por símbolos, seja por expressões verbais. A noção do Objeto Dinâmico, elemento-chave da Semiótica de Peirce, se expressa em sua plenitude. Nele, as perspectivas de protesto/alternativa, de significação/logo-poiética e de mercado/nicho são reveladas, pelos agricultores assentados.

Quando é analisada a percepção, entre os agricultores assentados e cooperados da Coperjunho, da produção orgânica de forma agroecológica, dois aspectos essenciais nesta conclusão são revelados: (1) a condição de distinção, que traz à produção orgânica a (2) noção da excepcionalidade, em uma tentativa de aprofundamento dos conceitos comunicacionais na prática agroecológica. Os elementos dessa excepcionalidade são confrontados com as três perspectivas abordadas (protesto/alternativa, de significação/logo-poiética e de mercado/nicho) e transformam o ato de produzir orgânicos em uma experiência estética. Neste momento, é possível aferir como atividades cotidianas afetam a percepção e produzem efeitos sobre a mente das pessoas que estão envolvidas na agricultura orgânica de viés agroecológico. Nesse ambiente, a Agroecologia ciência, sociedade e movimento é que se aproxima mais da realidade vivida na Coperjunho.

Enquanto componente sociocultural na estratégia do Desenvolvimento Rural Sustentável (DRS), a capacidade criativa do agricultor, utopia chayanoviana, é colocada à prova enquanto processo organizativo por meio de um movimento social específico (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra/MST). A reinvenção do movimento reforça a luta social, com a emergência do princípio camponês no qual os conceitos da coesão, escala e organização produtiva e retorno financeiro colocam à prova essa capacidade em um contexto de crise, com uma evasão significativa de agricultores no sistema agroecológico, condição que não estava prevista no início desta pesquisa, em que pese que não tenha caráter quantitativo. Mesmo sendo uma pesquisa qualitativa, não desprezar esse movimento quantitativo foi a opção metodológica necessária para uma maior precisão dos resultados.

A partir de uma perspectiva sociocultural das relações produtivas, os signos dos Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra/MST vão além da qualidade do concreto, do real, do material, refletido em rótulos. Esses signos se incorporam à prática da produção orgânica de viés agroecológico da Coperjunho, com a consolidação da identidade campesina, em oposição ao esvaziamento do meio rural por uma suposta modernização agrícola. A perspectiva agroecológica de Sevilla-Guzmán é defrontada

com a prática político-institucional da Coperjunho. Nesse sentido, as percepções utópicas, na busca de um mundo melhor, mais sustentável e com justiça social afloram.

Assim sendo, na relação produtiva por meio de uma cooperativa criada a partir de uma organização produtiva decorrente de um projeto de assentamento do Programa Nacional de Reforma Agrária (PNRA), observa-se que a produção consciente é geradora de inúmeros significados para quem produz – que deseja ser reconhecido como produtor orgânico e agroecológico para perfazer a “alimentação saudável”, reforçando o caráter de significação/logo-poiético das famílias certificadas na produção orgânica e também das famílias em processo de transição, uma vez que as mesmas estão envolvidas em um processo produtivo orgânico de viés agroecológico. Já com as famílias que saíram do sistema produtivo orgânico para retornar ao sistema convencional, a prevalência das respostas é nas dimensões de protesto/alternativa e de mercado/nicho, mas já desprendidas de elementos de significação/logo-poiéticos. Nesse sentido, com os elementos elencados nesta dissertação em um recorte da realidade vivida, se faz necessária uma revisão ou readequação dos processos de planejamento da produção, pois somente a geração de significados nas perspectivas de significação/logo-poiético e de protesto/alternativa não se mostrou suficiente para manter algumas famílias no modo de produção orgânico de viés agroecológico. Nesse movimento, a perspectiva de mercado/nicho teve prevalência sobre aqueles que retornaram para a produção convencional. Mesmo que essas famílias – que retornaram para o modo convencional – admitam os benefícios da produção agroecológica/orgânica, ainda há o fator da sustentabilidade econômica, que precisa ser melhor trabalhada durante a fase de planejamento da produção. Indica-se que o fator de sucesso na produção orgânica, de viés agroecológico deve estar distribuído de forma mais equitativa nas três perspectivas apresentadas neste trabalho.

A apropriação de signos nos rótulos, evidenciando a origem orgânica dos produtos, em uma dinâmica participativa de certificação, traz uma identidade complexa no caso específico da Coperjunho em Laranjeiras do Sul/PR.

A Semiótica tem uma grande utilidade na análise da produção sógnica nesse processo, como uma disciplina acessória no entendimento do Desenvolvimento Rural Sustentável (DRS). Daí a necessidade de avançar e aprofundar estudos, como este, sobre como a construção sógnica se dá no âmbito da produção agroecológica, pois entende-se que a mesma é mediada por signos decorrentes dos próprios conceitos da Agroecologia enquanto ciência aplicada à uma prática de vida e de trabalho.

No que se refere aos elementos sógnicos percebe-se também que a partir do momento em que o assentado se identifica com a perspectiva agroecológica por meio de um processo educativo, ele passa a adquirir o sentido de pertencimento a alguma coisa que dá sentido à sua vida como camponês e, ao mesmo tempo em que vislumbra uma forma de trabalho e renda. Para demonstrar esse sentido o faz por meio de signos específicos como forma de distinção simbólica. Assim, os símbolos refletem a opção dos assentados por um tipo de produção mais saudável por meio da produção orgânica integrada aos preceitos da Agroecologia.

6 ASPECTOS ÉTICOS

A presente pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) e aprovada conforme parecer número 2.169.307. Todos os entrevistados foram esclarecidos sobre os procedimentos a serem realizados e demais informações necessárias e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e o termo de uso de voz, autorizando a utilização das entrevistas para a pesquisa e publicação, preservando seu anonimato.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMOVAY, Ricardo. **O admirável mundo novo de Alexander Chayanov**. Estudos Avançados, v. 12, n. 32, p. 69-74, 1998.
- _____. **Paradigmas do capitalismo agrário em questão**. São Paulo – Campinas: Hucitec – Editora da Unicamp, 1998. (Estudos rurais)
- ABREU, L. S. *et alii*. **Relações entre agricultura orgânica e agroecologia: desafios atuais em torno dos princípios da agroecologia**. Desenvolvimento e Meio Ambiente, v. 26, p. 143-160, jul./dez. 2012. Editora UFPR.
- ALBERGONI, Leide; PELAEZ, Victor. **Da Revolução Verde à agrobiotecnologia: ruptura ou continuidade de paradigmas**. Revista de Economia, v. 33, n. 1, p. 31-53, 2007.
- ALRØE, Hugo Fjelsted. **Science as systems learning: Some reflections on the cognitive and communicational aspects of science**. Cybernetics and Human Knowing 7(4): 57–78, 2000.
- ALRØE, Hugo Fjelsted; NOE, Egon. **What makes organic agriculture move-protest, meaning or market? A polyocular approach**. 2008.
- ALTIERI, M. **Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável**. Porto Alegre: UFRGS, 2009.
- ARL, Valdemar. **Desafio para uma metodologia transformadora na transição agroecológica: uma experiência de construção social do conhecimento de entidades de ATER no Paraná**. Espanha: Universidade de Córdoba, 2015. Tese de doutorado.
- BOGO, Ademar. **O MST e a cultura**. Caderno de formação, n. 34, p. 133-184, 2000.
- CAPORAL, Francisco R.; PETERSEN, Paulo. **Agroecologia e políticas públicas na América Latina: o caso do Brasil**. Agroecología, v. 6, p. 63-74, 2011.
- CAPORAL, Francisco.R. (Org.); COSTABEBER, José Antônio (Org.); PAULUS, Gervásio (Org.). **Agroecologia: uma ciência do campo da complexidade**. 1.ed. Brasília: MDA/SAF, 2009.
- CAPORAL, Francisco Roberto; COSTABEBER, José Antônio. **Agroecologia: alguns conceitos e princípios**. MDA: SAF: DATER-IICA, 2004.
- CARVALHO, Horácio M. de. **Chayanov e o Campesinato**. São Paulo: Expressão Popular, 2014.
- CARVALHO, Paulo A. F. de. **Biografia sumária de Chayanov**. In: CARVALHO, Horácio M. de. Chayanov e o Campesinato. São Paulo: Expressão Popular, 2014.

CEZIMBRA, Elemar do Nascimento. **Desenvolvimento socioambiental do Assentamento Oito de Junho**. 2013. Dissertação de Mestrado. Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

CONTERATO, M. *et alii*. **Mercantilização e mercados: a construção da diversidade da agricultura na ruralidade contemporânea. Os atores do desenvolvimento rural: práticas produtivas e processos sociais emergentes**. Porto Alegre: UFRGS, 2011.

CAMPOS, Francieli, R. **Organização e Estratégias de Desenvolvimento Rural a Partir das Relações de Gênero: estudo de caso do Assentamento 8 de Junho – Laranjeiras do Sul/PR**. 2011. 107 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Toledo, 2011.

CHAYANOV, A. V. **Viagem de meu irmão Alexei ao país da utopia camponesa**. Rio de Janeiro: ASPTA, 1991.

CHRISTOFFOLI, Pedro Ivan; SANTOS, C. S. **Desafios da Agroecologia no território Cantuquiriguaçu. Apontamentos sobre uma metodologia de transição agroecológica no meio rural paranaense**. VII Seminário de Estudos Territoriais e II Jornada de Pesquisadores sobre a Questão Agrária no Paraná. Anais... Ponta Grossa: Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), 2014.

CHRISTOFFOLI, Pedro Ivan. **Trabalho associado e mudança social: uma leitura a partir das experiências do MST**. In: Trabalho associado, economia solidária e mudança social na América Latina / Neusa Maria Dal Ri (organizadora) ; Associação das Universidades Grupo Montevideu. – São Paulo : Cultura Acadêmica ; Marília : Oficina Universitária ; Montevideu : Editorial PROCOAS, 2010

DAROLT, Moacir Roberto. **As principais correntes do movimento orgânico e suas particularidades**. 2011.

DE ASSIS, Renato Linhares; ROMEIRO, Ademar Ribeiro. **Agroecologia e agricultura orgânica: controvérsias e tendências**. Desenvolvimento e meio ambiente, v. 6, p. 67-80, 2002.

DINIZ, Aldiva Sales. **Contribuições teóricas para compreensão do campesinato**. Revista da Casa da Geografia de Sobral, v. 12, n. 1, p. 2, 2010.

DOS SANTOS, Fernando Passos; CHALUB-MARTINS, Leila. **Agroecologia, consumo sustentável e aprendizado coletivo no Brasil**. Educação e Pesquisa, v. 38, n. 2, p. 469-483, 2012.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Editora Paz e Terra, 2014.

GONZÁLEZ, Shirley Rodríguez; PEREIRA, Viviane Camejo; DAL SOLGIO, Fábio Kessler. **A Perspectiva Orientada ao Ator em estudos sobre Desenvolvimento Rural**. Perspectivas Rurales Nueva Época, n. 25, p. 101-121, 2015.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Pequenas crises: experiência estética nos mundos cotidianos. Comunicação e experiência estética.** Belo Horizonte: Editora UFMG, p. 50-63, 2006.

JACOB, Luciana Buainain. **Agroecologia na universidade: entre vozes e silenciamentos.** Curitiba: Appris, 2016.

KHATOUNIAN, C. A. *et alii*. **A reconstrução ecológica da agricultura.** São Paulo: Agroecológica, 2001.

LARA JUNIOR, Nadir *et alii*. **A mística no cotidiano do MST: a interface entre religiosidade popular e política.** 2005.

LEFF, Enrique. **Complexidade, racionalidade ambiental e diálogo de saberes.** Educação & realidade, v. 34, n. 3, 2009.

MARTINS, Sergio R. **Bases epistêmicas da Agroecologia e do Desenvolvimento Rural Sustentável (parte I) – anotações de sala de aula.** Laranjeiras do Sul, Programa de Pós-Graduação em Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável – UFFS, 2016.

MEDAETS, Jean Pierre; FONSECA, De AC. **Produção orgânica: regulamentação nacional e internacional.** IICA, Brasília (Brasil) Ministério do Desenvolvimento Agrário, Brasília (Brasil), 2005.

NETTO, J. Teixeira Coelho. **Semiótica, informação e comunicação: diagrama da teoria do signo.** Editora Perspectiva, 1980.

NICOLAU, Marcos *et alii*. **Comunicação e Semiótica: visão geral e introdutória à Semiótica de Peirce.** Revista Temática, ano VI, n. 08, 2010.

NIEDERLE, Paulo André. **Delimitando as fronteiras entre mercados convencionais e alternativos para a agricultura familiar.** Extensão Rural, v. 16, p. 5-38, 2009.

NOE, Egon; ALRØE, Hugo Fjelsted; LANGVAD, Anne Mette S. **A polyocular framework for research on multifunctional farming and rural development.** Sociologia Ruralis, v. 48, n. 1, p. 1-15, 2008.

PIGNATARI, Décio. **Terra**, 1956. In: Poesia pois é poesia 1950-2000. Cotia, SP: Ateliê; Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004.

RADOMSKY, Guilherme Francisco Waterloo. **Práticas de certificação participativa na agricultura ecológica: rede, selos e processos de inovação.** In: IDEAS. Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2009. p. 1-32.

SANTAELLA, Lucia, **A Teoria Geral dos Signos**, São Paulo, Editora Pioneira, 2000.

_____, **O que é a Semiótica**, São Paulo, Editora Brasiliense, 1985.

_____. **Semiótica Aplicada**, São Paulo, Editora Thomson, 2005.

_____, **A Percepção – uma teoria semiótica**, São Paulo, Ed. Experimento, 2ª edição, 1988.

SANTOS, Luiz Carlos Rebelatto. **Formação e consolidação da Rede Ecovida de Agroecologia e sua experiência de certificação participativa**. Comércio ético e solidário no Brasil. Faces do Brasil. São Paulo: Fundação Friederich Ebert/Ildes, 2003.

SASSATELLI, R. **The political morality of food: discourses, contestation and alternative consumption**. In: HARVEY, M. et al. *Qualities of food*. UK: Manchester University Press, 2004. p.176-207.

SASSATELLI, R.; SCOTT, A. **Trust regimes, wider markets, novel foods**. *European Societies*, v. 3, n. 2, p. 211-42, 2001.

SARANDÓN, Santiago Javier e FLORES, Claudia Cecilia. **Agroecología: bases teóricas para el diseño y manejo de agroecosistemas sustentable**. La Plata: Universidad Nacional de La Plata, 2014.

STÉDILE, João Pedro; FERNANDES, Bernardo Mançano. **Brava gente: a trajetória do MST e a luta pela terra no Brasil**. In: *Brava gente: a trajetória do MST e a luta pela terra no Brasil*. 1999.

VAN DER PLOEG, Jan Douwe. **Camponeses e impérios alimentares: lutas por autonomia e sustentabilidade na era da globalização**. Editora UFRGS, 2008.

_____, **O modo de produção camponês revisitado**. In: SCHNEIDER, S. (org.) *A diversidade da agricultura familiar*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006.

SCHNEIDER, Sergio; GAZOLLA, Marcio (Org.). **Os atores do desenvolvimento rural: perspectivas teóricas e práticas sociais**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011.

SEVILLA GUZMÁN, Eduardo; SOLER, Marta. **Agroecología y soberanía alimentaria: alternativas a la globalización agroalimentaria. patrimonio cultural en la nueva ruralidad andaluza**. PH Cuadernos, v. 26, 2010.

SEVILLA GUZMÁN, Eduardo. **Uma estratégia de sustentabilidade a partir da agroecologia**. *Agroecologia e desenvolvimento rural sustentável*, Porto Alegre, v. 2, n. 1, p. 35-45, 2001.

SEVILLA GUZMÁN, Eduardo; GONZÁLEZ DE MOLINA, Manoel. **Sobre a evolução do conceito de campesinato**; tradução literal de Ênio Guterres e Horácio Martins de Carvalho. *Expressão Popular*, 2005.

TOLEDO, Víctor M. **Campesinidade, agroindustrialidade, sustentabilidade: los fundamentos ecológicos e históricos del desarrollo rural**, Cuadernos de trabajo, v. 3, p. 29, 1995.

VAZ, Jakeline Martins; CHRISTOFFOLI, Pedro Ivan. **HISTÓRIA DO NÚCLEO DA REDE ECOVIDA NA REGIÃO DE LARANJEIRAS DO SUL**. In: II Seminário de Ensino, Pesquisa e Extensão. 2013.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. **Agricultura familiar e campesinato: rupturas e continuidade**. Estudos sociedade e agricultura, v. 1, 2013.

APÊNDICE - QUESTIONÁRIOS E ROTEIROS DE ENTREVISTAS

1) Roteiro de questionário a ser aplicado junto às famílias assentadas certificadas e em processo de transição.

- 1) O que é Agroecologia?
- 2) O que é Agricultura Orgânica?
- 3) De que maneira você acredita que sua prática é agroecológica? Por que você optou pela Agroecologia?
- 4) O que dá mais sentido à sua atividade: a prática agroecológica ou a produção orgânica? Por que?
- 5) Você sabe diferenciar a prática agroecológica da produção orgânica? Como?
- 6) Qual a importância que você dá para a certificação participativa no contexto da produção agrícola?
- 7) O que você entende como alimentação saudável?
- 8) Como você vê sua produção contribuindo para o bem-estar e saúde do consumidor?
- 9) Como você vê a Coperjunho como organização inserida no mercado?
- 10) O que é agricultura convencional?
- 11) Como você se identifica com a agricultura orgânica? E a agroecológica?
- 12) O que representa o mercado para você?
- 13) O que é mais importante? Produzir orgânicos como contraponto à agricultura convencional, como distinção de modelo de agricultura orgânica ou simplesmente, atender às tendências de mercado?
- 14) Por que resolveu ser um produtor orgânico certificado? (ou: por que deseja ser um produtor orgânico certificado, em caso de ser produtor em transição?)
- 15) Qual a relação da sua produção orgânica com a Agroecologia?
- 16) Quais pessoas de sua família participam de atividades agrícolas em seu lote?
- 17) O que as figuras abaixo representam para você, no contexto do seu trabalho?





b)



c)



d)



e)

2) Roteiro de questionário a ser aplicado junto à diretoria da Coperjunho

- 1) O que é Agroecologia?
- 2) O que é Agricultura Orgânica?
- 3) De que maneira você acredita que a prática da Coperjunho é agroecológica?
- 4) O que dá mais sentido à atividade da Coperjunho: a prática agroecológica ou a produção orgânica? Por que?
- 5) Você sabe diferenciar a prática agroecológica da produção orgânica? Como?
- 6) Qual a importância que a Coperjunho dá para a certificação participativa no contexto da produção agrícola?
- 7) O que você entende como alimentação saudável?
- 8) Como você vê a Coperjunho como organização inserida no mercado?
- 9) O que é agricultura convencional?
- 10) Como você se identifica com a agricultura orgânica? E a agroecológica?
- 11) O que representa o mercado para a Coperjunho?
- 12) O que é mais importante? Produzir orgânicos como contraponto à agricultura convencional, como distinção de modelo de agricultura orgânica ou simplesmente, atender às tendências de mercado?
- 13) Por que a Coperjunho decidiu certificar a sua produção orgânica? E por que a opção pela certificação no sistema participativo?
- 14) Como foi o processo de elaboração para o lema da Coperjunho “alimentação saudável”?
- 16) O que as figuras abaixo representam, no contexto do trabalho da Coperjunho?



a)



b)



c)



d)



e)